



Ana Vitorino
Carlos Costa
Gemma Rodríguez

“**TANG PING, um western moderno sobre não ser ninguém**” estreou a 10 de novembro de 2022 no Teatro Municipal da Guarda.

Texto Ana Vitorino, Carlos Costa, Gemma Rodríguez

Direção Ana Vitorino, Carlos Costa

Cenografia, Adereços e Figurinos Inês de Carvalho

Banda sonora original e Sonoplastia* João Martins

Desenho de Luz Pedro Correia

Vídeo e Design gráfico Sara Allen

Interpretação Ana Vitorino (*Isabel*), Carlos Costa (*Fernando Barreiros*), Inês Filipe (*Atriz, Ricarda, Jornalista, Administradora da Fundación Leonardo Páez, Turista*), Pedro Roquette (*Ator, Administrador da RCI, Empregado de Café*) e ainda (*voz off*) Ana Azevedo (*Voz RCI 3 e 4*), José Barreto (*Voz da RCI 2*), Mário Moutinho (*Voz da RCI 1*)

Assessoria artística e de comunicação Carlota Castro

Coordenação técnica e de produção Alice Prata

Produção executiva Pedro Monteiro

Produção Visões Úteis

Coprodução Teatro Nacional de São João, Teatro Municipal da Guarda e Teatro Municipal de Vila Real

Apoio Acción Cultural Española

Agradecimentos ACE Escola de Artes, MIRA FORUM, Eduardo Camilo, Fábio Ferreira, Fábio Ribeiro, Filomena Valente, Ilda Almeida, Inês Amaral, Hugo Martins, Sílvio Correia Santos

* e ainda "Desesperación" (autoria Francisco Villacrés Falconi), "Que lindo es mi Quito", (autoria Leonardo Páez), "Tang Ping is the right way" (autoria e interpretação - Zhang Xinmin), "Deitado é o Caminho" (autoria - Carlos Costa, João Martins, Leonor Costa, a partir do original de Zhang Xinmin e da tradução inglesa de Alia Goehr; interpretação - Leonor Costa, João Martins)

O Visões Úteis é uma estrutura financiada pelo Ministério da Cultura / Direção-Geral das Artes



Este texto está sujeito a uma licença Creative Commons - Atribuição - Uso Não Comercial - Compartilhamento pela mesma licença 4.0 Internacional. Por favor utilize, partilhe e transforme para fins não comerciais. Mas credite sempre o original e partilhe as obras derivadas do mesmo modo.

PERSONAGENS

FERNANDO BARREIROS

ISABEL

ATOR

ATRIZ

RICARDA

JORNALISTA

EM OFF:

VOZ DA RCI 1 / TEASER

VOZ DA RCI 2 / NOTÍCIAS

VOZ DA RCI 3 / ASTROLOGIA

VOZ DA RCI 4 / PUBLICIDADE

ADMINISTRADOR DA RCI

ADMINISTRADORA DA FUNDACIÓN LEONARDO PÁEZ

EMPREGADO DE CAFÉ

TURISTA

PARTE 1

1. Televisão 1

Estúdio de televisão. Duas cadeiras. Uma vazia. Na outra, FERNANDO BARREIROS consulta umas notas. Espera alguém Parece desconfortável.

JORNALISTA (*em off*) - Olá!

FERNANDO - Olá.

JORNALISTA (*em off*) - Consegue ouvir-me?

FERNANDO - Sim.

JORNALISTA (*em off*) - Fernando Barreiros?

FERNANDO - Sim.

JORNALISTA (*em off*) - Bem-vindo.

FERNANDO - Obrigado. Estou bem aqui?

JORNALISTA (*em off*) - Está perfeito. Já lhe explico o que vamos fazer. Só um segundo (...) Então, dizia que primeiro vou apresentá-lo, para situar o público, porque pode haver quem não o conheça.

FERNANDO - Quanto a isso/

JORNALISTA (*em off*) - /E depois começo com as perguntas.

FERNANDO - Posso dizer uma coisa?

JORNALISTA (*em off*) - Diga.

FERNANDO - Antes de começar, queria sugerir que nos focássemos no livro.

Silêncio.

JORNALISTA (*em off*) - Foi para isso que o convidámos.

FERNANDO - Neste momento não tenho interesse em falar do programa de rádio.

JORNALISTA (*em off*) - O seu programa de rádio?

FERNANDO - Não era meu.

JORNALISTA (*em off*) - Não se preocupe.

FERNANDO - Preferia que nos focássemos no meu trabalho enquanto escritor.

JORNALISTA (*em off*) - Esteja à vontade. Eu já vou descer para ir ter consigo. Quando começarmos, lembre-se de não olhar para a câmara.

FERNANDO - E olho para onde?

JORNALISTA (*em off; como se fosse óbvio*) - Olha para mim. (*pausa; esclarecendo*) Eu vou estar ao seu lado.

FERNANDO - Claro. (*pausa.*) Eu entendo o interesse da comunicação social em falar do programa de rádio.

JORNALISTA (*em off*) - Já lhe disse que isso não é um problema.

FERNANDO - Mas a responsabilidade não era minha.

JORNALISTA (*em off*) - Claro. Está a ver o relógio?

FERNANDO - Sim. Então podemos esquecer o programa de rádio, certo?

JORNALISTA (*em off*) - Quando acabar a contagem entramos no ar.

FERNANDO - Estou pronto. Não devia/?

JORNALISTA (*em off*) - /Desculpe, Fernando. Trouxe um exemplar do seu livro?

FERNANDO - Um exemplar...? Não. Devia ter trazido? Não me disseram nada. (*esperando uma resposta que não chega*) Está tudo bem?

JORNALISTA (*em off, falando com outra pessoa*) - Vão-me buscar o livro, por favor.

FERNANDO - Não têm o livro?

JORNALISTA (*em off*) - Não se preocupe, estamos a tratar disso.

FERNANDO - Vou falar do livro sem o livro?

JORNALISTA (*em off*) - Podemos ir falando do seu programa de rádio.

FERNANDO - Mas/

JORNALISTA (*em off*) - /Não tenha medo, vai correr tudo bem.

FERNANDO - Não, ouça... eu já lhe disse que... está a ouvir-me? Está aí alguém?

Silêncio. O relógio chega ao zero.

2. Teaser 1

VOZ DA RCI 1 / TEASER (*em off*) - A Rádio Corporação Ibérica e os seus emissores associados apresentam um programa especial por ocasião dos 125 anos de “A Guerra dos Mundos” de H. G. Wells. O que irão escutar esta noite é a famosa adaptação levada a cabo por Orson Welles com a Mercury Theatre Company. Através das ondas eletromagnéticas, viajaremos no tempo até Nova Iorque e ouviremos a incrível e aterradora história da invasão alienígena que lançou o pânico nos Estados Unidos. O que aconteceu naquele 30 de outubro de 1938? Quem ou o quê semeou o terror entre a população? Não percam este programa especial dedicado a um génio incomparável e ao programa de rádio que marcou a sua vida para sempre; a recriação daquela noite de rádio, tragédia e morte, narrada por uma das mais belas vozes do nosso país.

3. Ensaio 1

Um estúdio de rádio. Ensaia-se um programa. ISABEL, o ATOR e a ATRIZ estão em frente aos seus microfones e com auriculares postos. ISABEL está sentada à mesa da operação de som, controlando a parte técnica e dando ao ATOR e ATRIZ as deixas para que intervenham. O ATOR e a ATRIZ estão de pé, a curta distância. Os três seguem um guião.

ISABEL - Em pleno século XXI ninguém ignora que, enquanto a Humanidade se ocupa das suas coisas, somos estudados tão a fundo como o sábio estuda ao microscópio as criaturas que se agitam e multiplicam numa gota de água. Com infinita complacência, seguimos com as nossas ocupações, abrigando a ilusão do nosso livre-arbítrio. É muito possível que as criaturas que se encontram debaixo do microscópio façam o mesmo, sem saber que alguém as colocou num pequeno pedaço de vidro. Tal como elas, vivemos sem consciência do perigo que nos rodeia.

ATOR - Espera-nos uma noite de céu límpido. As temperaturas serão suaves, com descida gradual ao longo das próximas horas. Neste momento estamos com 17 graus e sopra uma ligeira brisa marítima.

Efeitos sonoros de brisa marítima.

ISABEL (*mudando de tom*) - Boas noites, queridos amigos do ar! São nove e meia em ponto! Bem-vindos a esta emissão! Já de seguida convidamos-vos a acompanhar connosco

a transmissão em direto do concerto desta noite, oferecida pelo nosso patrocinador.
Esperamos que desfrutem!

Música de orquestra. Aos poucos, o ATOR e a ATRIZ começam a produzir aos microfones sons que simulam a aterragem de “marcianos” e o início de uma invasão.

ISABEL (*interrompendo a música*) – Senhoras e senhores, interrompemos o nosso programa musical para um boletim noticioso de última hora. Vinte minutos antes das oito, hora continental, o Observatório Nacional relata ter observado várias explosões de gás incandescente, ocorrendo em intervalos regulares, no planeta Marte. O espectroscópio indica que o gás é hidrogénio e move-se em direção à Terra a enorme velocidade. Os responsáveis do Observatório descrevem o fenómeno como, e passo a citar, “um jato de chama azul disparado de uma arma”, fim de citação. Continuaremos a acompanhar estes acontecimentos; por agora, voltamos à música.

Retoma a música de orquestra. ISABEL assinala o fim do ensaio.

4. Pausa 1

A equipa faz uma pausa. Ouve-se em fundo o som da emissão que a RCI tem no ar. FERNANDO acaba de chegar. Tem um guião consigo.

VOZ DA RCI 2 / NOTÍCIAS (*em off*) - Trânsito complicado neste início da manhã, com congestionamento nos principais acessos ao centro, em particular junto à marginal, ainda condicionada pela subida das águas na semana passada.

FERNANDO (*para ISABEL*) - Está a correr bem?

ISABEL - Muito bem (*estendendo-lhe um chocolate*) Chocolate?

FERNANDO - Há notícias da Ricarda?

ISABEL faz um gesto vago com a cabeça enquanto mastiga o chocolate.

FERNANDO - Estive a rever o guião e falta uma parte.

ISABEL - Que parte?

FERNANDO - A minha.

ISABEL - A sério?

FERNANDO - Li do princípio ao fim, com muita atenção, e não estou em lado nenhum, não apareço. Não se explica nada sobre o Orson Welles, nem biografia, nem cinema, êxitos. Nada.

ATRIZ - Alguém quer café?

FERNANDO faz um gesto vago.

ISABEL - Eu não devia... já bebi dois desde que cheguei..., mas parece que não fazem efeito!

FERNANDO - Eu sei que ainda temos tempo...

A ATRIZ entrega um café a FERNANDO.

ISABEL (*para a ATRIZ*) - Para mim pode ser um curto.

FERNANDO - ..., mas acho que ela não vai conseguir. A cada semana envia um texto novo. Muda a perspetiva, os diálogos, as personagens...

ISABEL - Faz parte do seu processo de criação.

FERNANDO - Eu também sou escritor. E tentei ajudá-la. Mas ela vem sempre com aquela conversa da luta entre o êxito e o fracasso.

ISABEL - A fina linha que os separa.

FERNANDO - Qual fina linha? Estamos a falar da Guerra dos Mundos. De Orson Welles. Um êxito estrondoso, a grande revolução dos meios de comunicação. Para quê falar de fracasso?

ISABEL - Porque um não existe sem o outro?

FERNANDO - Sabes há quantos anos ela não escreve? Seis.

ISABEL - A Ricarda é uma guionista muito reputada.

FERNANDO - Era. Agora é incapaz de se concentrar.

ISABEL - Todos podemos ter uma quebra. Eu própria estou cansada. Há dias que estou tão exausta que acho que não vou ser capaz de continuar a vir.

FERNANDO - É como se tivesse uma agenda oculta.

ISABEL - E quem é que não tem?

FERNANDO - Tu tens uma agenda oculta?

ISABEL - Não. Claro que não.

FERNANDO - Eu só quero fazer o meu trabalho e cumprir a encomenda. É o que todos queremos, não é?

Silêncio.

FERNANDO - Não é?

ISABEL - Eu já só queria conseguir deitar-me uma noite e deixar-me dormir. Dormir uma noite inteira, e acordar a sentir-me descansada. Há anos que não sei o que isso é.

ATOR (*para ISABEL*) - Há comprimidos para isso...

ISABEL (*sem ouvir*) - É um círculo vicioso, não consegues dormir e por isso tens de tomar café todo o dia para conseguir funcionar, e por isso chegas à noite e não consegues dormir.

FERNANDO (*folheando o guião*) - Não percebo para onde é que ela está a ir...

ATOR (*para ISABEL*) - Há comprimidos bons para isso...

ISABEL - Comprimidos? Trocar um círculo por outro, para além de vicioso, ainda mais viciante? E, pelo caminho, encher os bolsos das farmacêuticas?

ATRIZ (*para ISABEL*) - Então não é melhor parar de beber café?

ISABEL - Ah sim? E depois como é que eu estava aqui a fazer isto? Não ouviram o anúncio? "Narrada por uma das mais belas vozes do nosso país!" (*ri-se, irónica*) O que é que interessa que a voz já esteja rouca dos anos, da cafeína e das noites sem dormir?

FERNANDO (*olhando para o guião com ar de dúvida*) - Então? Seguimos em frente?

ISABEL suspira. Retomam os lugares de ensaio. FERNANDO senta-se à mesa, perto de ISABEL, em frente a um microfone.

VOZ DA RCI 2 / NOTÍCIAS (*em off*) - Hoje o dia será marcado pelas manifestações contra as novas medidas de contenção financeira do governo. As autoridades aguardam que estes protestos se desenrolem num ambiente pacífico, não prevendo, para já, a possibilidade de confrontos com os manifestantes; mas é natural que o trânsito se complique com os condicionamentos.

5. Continuação do Ensaio 1

A música de orquestra retoma.

ISABEL (*interrompendo a música*) - Caros ouvintes, senhoras e senhores, interrompemos de novo o nosso programa musical para vos dar conta dos últimos desenvolvimentos relativos aos estranhos fenómenos observados na superfície do planeta Marte. Depois do relato das explosões de hidrogénio, que pareciam dirigir-se à Terra, seguiram-se notícias do que parecia ser um pequeno meteorito, que se teria despenhado numa propriedade rural, a curta distância da cidade de Nova Jérsia. Os acontecimentos parecem ter-se precipitado nos últimos minutos... vamos já para uma ligação direta com a nossa equipa móvel de exteriores, e o repórter Mário Pombo. Mário?

ATOR / MÁRIO POMBO - Boa noite...

ISABEL - O que é nos podes dizer sobre os alarmantes acontecimentos que estão a ter lugar neste preciso momento?

ATOR / MÁRIO POMBO - Bem, eu nem sei como começar a tentar pintar por palavras as bizarras cenas que se estão a desenrolar esta noite... começo pela informação de que esse estranho objeto não era, de facto, um meteorito... era um objeto cilíndrico, com cerca de 25 metros de diâmetro, e construído num material impossível de identificar. As forças policiais acorreram ao local e tentaram estabelecer um perímetro de segurança, mas foi difícil conter as multidões de curiosos que ali se juntaram.

ISABEL - E o que se passou, Mário?

ATOR / MÁRIO POMBO - Bem, para surpresa e susto de todos os presentes, o topo do objeto começou a mexer-se e abriu-se como uma escotilha! Nessa altura ficou claro que o objeto era oco... E lá de dentro saiu... oh, Meu Deus...!

ISABEL - O quê, Mário, o que é que saiu??

ATOR / MÁRIO POMBO - Saiu uma estranha criatura... e assim que ela se tornou visível, foi possível observar um jato de luz que projetou uma chama de enormes dimensões que... oh, Meu Deus!!

ISABEL - Mário??

ATOR / MÁRIO POMBO - A chama atingiu os homens que se dirigiam ao estranho objeto... eles estão a arder!! Neste momento, todo o terreno está a pegar fogo, o fogo expande-se a uma velocidade incrível!! Deus tenha piedade!

ISABEL - Mário, neste momento em que local te encontras, precisamente? Estás em segurança?

ATOR / MÁRIO POMBO - Eu estou em Nova Iorque.

ISABEL - Em... Nova Iorque? Queres dizer Nova Jérсия?

ISABEL e FERNANDO verificam o guião, algo surpreendidos com a opção de RICARDA, que colocou MÁRIO POMBO em Nova Iorque.

ATOR / MÁRIO POMBO - Não, Nova Iorque. Estou à porta dos estúdios de rádio de onde está a ser transmitida a emissão criada pela companhia Mercury Theatre, emissão essa que tem vindo a relatar esta aparente invasão e que provocou o pânico geral.

Ouve-se um toque de telemóvel.

ATOR / MÁRIO POMBO *(sem perceber que o toque é real)* - Aparentemente a rádio tem sido inundada por telefonemas de ouvintes apavorados...

Ouve-se novamente o toque de telemóvel.

FERNANDO *(irritado)* - Oh caramba, vamos parar... Os telefones têm de estar desligados no estúdio! Mesmo durante os ensaios!

ISABEL *(procurando nos seus bolsos)* - Só um momento...

FERNANDO *(para os Atores)* - Se não se habituarem agora, no dia da emissão isto pode correr muito mal.

ISABEL - Desculpem, é o meu... *(pega no telemóvel e afasta-se para falar)*

FERNANDO *(surpreendido)* - Vais atender??

ISABEL *(ao telemóvel)* - Boa tarde... *(para os outros)* Desculpem, tenho mesmo de atender... *(ao telemóvel)* Sim, é ela.

ATOR – Pode ser uma emergência...

ISABEL – Muito bem, lá estarei a essa hora. Obrigada. *(desliga a chamada e guarda o telemóvel, volta a sentar-se junto ao microfone)* Desculpem, podemos retomar...

FERNANDO - Vais desligar?

ISABEL - Claro! *(volta a pegar no telemóvel e desliga-o)* Era só uma entrega da Amazon... tinha mesmo de atender... para combinar a hora.

FERNANDO - Ok, seguimos então?

ISABEL *(para o ATOR)* - Comprei uma Roomba.

ATOR - Uau!

ATRIZ - Foi cara?

FERNANDO - Uma Roomba?

ISABEL - Foi cara, mas há coisas em que vale a pena investir. E não gastar a pouca energia que já tenho a varrer o chão é uma delas!

FERNANDO - Ah, é um aspirador...?

ATOR - Não é bem um aspirador...

ATRIZ - Não é só um aspirador...

ISABEL *(ao microfone)* - “Acreditamos que ser humano pode ser uma coisa caótica. Mas isso não é um problema. Acreditamos que os humanos apenas querem sentir-se um pouco mais humanos. Acreditamos que os nossos robôs vão ajudá-los a chegar lá.”

FERNANDO *(olhando para o guião, confuso)* - Em que página estás?

ISABEL *(sorrindo)* - É o anúncio da Roomba... não é brilhante? Seguimos?

FERNANDO e ISABEL permanecem no estúdio, prontos para prosseguir com o ensaio.

6. Narração 1

O ATOR e a ATRIZ retiram os seus auscultadores e aproximam-se da frente da cena.

ATOR - O que acabam de ouvir é a recriação do que aconteceu, há algumas semanas, num estúdio de rádio da cidade.

ATRIZ - Os locutores ensaiam a adaptação de “A Guerra dos Mundos”, assinada por Orson Welles.

ATOR - Um trabalho que foi encomendado pela Rádio Corporação Ibérica e patrocinado pela The Orson Welles Foundation.

ATRIZ - Um trabalho que neste momento se encontra num impasse.

ATOR - Chegados a este ponto, a única maneira de fazer avançar a história é andando para trás.

ATRIZ - Vamos explicar os factos tal como aconteceram.

ATOR - Para que ninguém se sinta enganado.

ATRIZ - Sem faltar à verdade.

ATOR - E temos um documento. Um documento sonoro que prova que o que dizemos é verdade.

ATRIZ - Na primeira parte, o documento regista uma chamada telefónica; mas a qualidade do som não é muito boa e é possível que não compreendam alguns fragmentos.

ATOR - Na segunda parte, uma conversa de café; mas vão ouvir a voz de um empregado a colar-se à conversa, tornando-a incompreensível.

ATRIZ - Ainda assim, o documento prova que é tudo verdade.

Ouvem-se ruídos de uma comunicação telefónica.

ADMINISTRADOR DA RCI (*em off*) - Bom dia, ligo da RCI - Rádio Corporação Ibérica. Queria falar com o Fernando Barreiros. (...) Bom dia, Fernando!

ATRIZ - Quem telefona é mesmo a RCI.

ATOR - Um dos seus administradores.

ATRIZ - Dele só conhecemos a sua voz rouca, como a de um espião na Guerra Fria.

Ouve-se o ADMINISTRADOR DA RCI em off proferindo uma frase incompreensível.

ATRIZ - Já tínhamos dito que a qualidade não era boa.

ATOR - O objetivo do telefonema é uma encomenda. E para isso o administrador da RCI marca uma entrevista com Fernando Barreiros num conhecido café da cidade.

ATRIZ - E aqui entra a segunda parte do documento.

Ouvem-se ruídos de café.

ADMINISTRADOR DA RCI (*em off*) - Como já lhe tinha dito ao telefone, temos seguido o seu trabalho ao longo dos últimos anos - em particular, a biografia que dedicou a Orson Welles - e temos a certeza de que o Fernando é a pessoa certa para este projeto, pelo que a RCI e o seu patrocinador - The Orson Welles Foundation - ficariam muito honrados se aceitasse o convite...

ATRIZ - E agora falam do convite.

ADMINISTRADOR DA RCI (*em off*) - ... um programa especial, por altura dos 125 anos da publicação da Guerra dos Mundos, de H. G. Wells, um programa que recupere a adaptação radiofónica de Orson Welles, promovendo uma reflexão crítica sobre o poder da imprensa.

ATRIZ - Wells e Welles, os apelidos parecem iguais, mas são diferentes. H. G. Wells, sem "E" na última sílaba...

ATOR - Escritor inglês, precursor da ficção científica, é o autor de “A Guerra dos Mundos”, um romance em que o planeta Terra é invadido por marcianos que ameaçam a sobrevivência da humanidade.

ATRIZ - Orson Welles, com “E” na última sílaba...

ATOR - Realizador e ator norte-americano, assina uma adaptação radiofónica de “A Guerra dos Mundos” que o catapulta para a fama e para o sucesso. A partir daqui, um empregado aproxima-se da mesa do lado e já não conseguimos ouvir mais nada com clareza.

TURISTA *(em off, sem se perceber bem)* - *Cual es la diferencia entre la Francesinha Especial y la Francesinha Rústica?*

EMPREGADO DE CAFÉ *(em off, sem se perceber bem)* - Então, a Especial vem naquele pão maior, quadrado, tipo forma; e a Rústica é em pão bijou, mais pequeno, assim redondinho, está a ver?

TURISTA *(em off, sem se perceber bem)* - *Uhm, entonces quiero la Especial.*

ATOR - Mas, com a ajuda de um conceituado Laboratório de Acústica, conseguimos analisar as diferentes frequências, separando-as das mais graves para as mais agudas, e... surpresa! Escondida abaixo dos 20Hz, numa zona onde só se sentem tremores de terra, encontramos uma informação fundamental.

ATRIZ - Descobrimos que mais duas pessoas recebem uma chamada idêntica e, tal como Fernando Barreiros, são convocadas para o mesmo café, mas em dias diferentes: Isabel e Ricarda.

ATOR - Nestes encontros, muito discretos, o administrador explica a cada um dos convidados qual será o seu papel na encomenda.

ATRIZ - Isabel, uma jornalista portuguesa, será a coordenadora e a voz principal do programa.

ATOR - Ricarda, uma argumentista espanhola, assume a autoria do guião do programa, recriando alguns dos momentos mais marcantes e dramatizando outros.

ATRIZ - Fernando, especialista em Orson Welles, será o comentador.

ATOR - E quando pensávamos que era tudo, temos uma segunda surpresa.

ATRIZ - Acima dos 150.000 Hz, numa zona de frequências só ao alcance de baleias, orcas e golfinhos, descobrimos que também se contrata uma atriz...

ATOR - ... e um ator.

ATRIZ - E define-se um calendário de trabalho para a criação do programa de rádio na mais completa harmonia.

O ATOR e a ATRIZ afastam-se. Preparam-se para um jogo de padel. Começam por fazer alguns exercícios de aquecimento, orientados pelo ATOR, que assume o papel de TREINADOR.

7. Entrevista 1

FERNANDO e ISABEL ensaiam uma entrevista aos microfones.

ISABEL - Boa noite. O que acabam de escutar é uma recriação do que se passou em Nova Iorque, nos Estados Unidos da América, no dia 30 de outubro de 1938, aquando da emissão radiofónica de "A Guerra dos Mundos", de H. G. Wells, adaptada e dirigida por Orson Welles. E agora que passam 125 anos sobre a publicação da obra original, e para falar de tudo isto, temos connosco Fernando Barreiros. Boa noite, Fernando.

FERNANDO - Boa noite.

ISABEL - O Fernando é professor universitário, politólogo, viajante e biógrafo/

FERNANDO - /não autorizado.

ISABEL - Biógrafo não autorizado de Orson Welles. Obrigada, Fernando, pela sua presença.

FERNANDO - Ora essa, é um prazer participar no seu programa.

ISABEL - Parece-me importante recordar que a primeira emissão radiofónica da Guerra dos Mundos foi esta que realizou Orson Welles com a Mercury Theatre Company. Naquele dia centenas de pessoas meteram-se nos seus carros para fugir da cidade, acreditando que o planeta era invadido por extraterrestres. Fernando, a estupidez humana não tem limites?

FERNANDO - Cada vez que houve um programa de rádio inspirado pela Guerra dos Mundos, houve sempre alguém que acreditou que vinham aí os marcianos. Em Lisboa, 1958, a polícia suspendeu uma emissão por causa do pânico. E em 1988, uma versão adaptada à cidade de Braga levou muita gente a fugir para o Gerês.

ISABEL - Então o mérito não é de Orson Welles mas da natureza humana?

FERNANDO - Digamos que Orson Welles soube ler o momento histórico e compreender qual era o maior medo dos seus concidadãos.

ISABEL - O Fernando escreveu sobre Orson Welles mas também sobre outras figuras controversas como Dominique Strauss-Khan, Elon Musk e até, mais recentemente, sobre um conquistador português, praticamente desconhecido: António Raposo Tavares.

FERNANDO - Sim, porque todos eles encerram histórias de coragem e superação. Raposo Tavares é um caso fascinante. Organizou enormes expedições para o interior do Brasil - lutou contra os holandeses, expulsou os jesuítas, integrou os guaranis - e ampliou o território português muito para lá da linha de Tordesilhas que os espanhóis nos queriam impor.

ISABEL - Se eu menciono o seu próximo livro - sobre Raposo Tavares, por comparação com o anterior, sobre Orson Welles - é porque A Guerra dos Mundos, o texto original de H. G. Wells, é sobretudo uma crítica ao Império Britânico. Os extraterrestres mostram pelos humanos o mesmo desprezo que os britânicos demonstravam na altura pelos indígenas em África ou na Tasmânia. E a expansão territorial de que fala, para o interior do Brasil, teve custos humanos imensos, não?

FERNANDO - Não. Sim, mas é uma leitura simplista da presença portuguesa na América do Sul - e digo América do Sul, porque a atravessámos de um lado ao outro, do Rio de Janeiro às Terras de Quito, /habitadas pelos quechuas.

ISABEL - /eu estava a colocar a questão da escravatura e extermínio...

FERNANDO (*num tom dúbio*) - ... estava sim, mas sem qualquer contexto.

ISABEL (*num tom dúbio*) - Talvez o ouro e a prata como contexto, então?

FERNANDO - Ouro e prata? Sim, procuravam mais valias, mas era muito mais do que isso, era fazer avançar as coisas, resolver problemas, tratar do que tinha de ser tratado. E havia muito mais do que ouro e prata para dar ao mundo; olhe, o cacau, por exemplo, o cacau das Terras de Quito, uns grãos incríveis com aroma floral (*signalizando a interrupção do ensaio*). Ó Isabel, desculpa, mas eu não estou a perceber para onde está a ir esta entrevista. Não é suposto nesta altura do guião estarmos a falar de Orson Welles?

8. Padel 1

O ATOR e a ATRIZ aproximam-se da frente da cena. FERNANDO e ISABEL preparam-se para um jogo de padel.

ATOR - Começa a notar-se uma perturbação da harmonia inicial, alguma impaciência.

ATRIZ - Mas há um ponto que devemos deixar claro. No início...

ATOR - ... no início houve um trabalho conjunto.

ATRIZ - Esforçaram-se.

ATOR - Nas primeiras semanas, o trabalho avançava.

ATRIZ - Nem tudo corria mal. E até houve bons momentos.

ATOR - Mas sabem como é que é, os nervos... a tensão...

ATRIZ - O receio de um provável fracasso na execução da encomenda carregava o ambiente.

ATOR - Procuraram-se soluções...

ATRIZ - Todas as partes se esforçaram.

ATOR - Reuniões em espaços abertos, participação de mediadores, técnicas de *team building*. Até começaram a jogar padel juntos. *(pausa)* Isto é tudo verdade.

A ATRIZ assume o papel de RICARDA. FERNANDO, ISABEL e RICARDA jogam padel enquanto discutem o trabalho. ISABEL apresenta um déficit técnico relativamente a FERNANDO e RICARDA e tem o apoio do ATOR / TREINADOR.

RICARDA - Ontem enviei-vos um texto.

FERNANDO - Voltaste a enviar de madrugada.

ATOR - Ah, era mesmo assim. A Ricarda esforçava-se por falar em português com os seus colegas.

RICARDA - Creio que desta vez encontrei o registo.

ISABEL - Que texto?

FERNANDO *(sem ouvir ISABEL)* - Porque é que não escreves de manhã em vez de passar a noite acordada a beber café?

RICARDA - Não me parece que seja esse o problema.

FERNANDO - Então qual é o problema?

RICARDA - O problema é que tu vês um problema onde eu só vejo o brainstorming de um processo criativo normal.

FERNANDO - Agora sou eu que não sei o que é um processo criativo normal?

RICARDA - Sabes o que é escrever um livro e imprimi-lo. Isto não é um livro.

ISABEL - Sou eu a servir?

FERNANDO e RICARDA olham para ISABEL.

FERNANDO - Eu vim aqui para chegarmos a um consenso. Faltam três semanas e continuamos às voltas.

RICARDA - Continuamos às voltas porque eu não escrevo de modo linear como tu.

ISABEL - Comprei uma saia!

FERNANDO *(sem ouvir ISABEL)* - Continuamos às voltas porque o que tu escreves não é eficiente. Vem aos ensaios e percebes porquê.

RICARDA - Eu não preciso de ir aos ensaios para saber o que é que funciona.

FERNANDO - Se viesses aos ensaios, percebias o caos que provocas.

RICARDA - Sou mais criativa em casa.

FERNANDO - Isabel, diz alguma coisa, tu vens aos ensaios.

ISABEL - Olha, por acaso mandei vir uma coisa da Amazon e sou capaz de ter que faltar um dia destes.

RICARDA - Concentrem-se no jogo.

FERNANDO - Quando é que envias o guião final?

RICARDA - Ainda sou capaz de fazer mais um desvio.

FERNANDO - Outro?

RICARDA - Não te preocupes, Fernando. Desta vez vou falar muito do Orson Welles: Biografia, cinema, tudo o que querias. Entrego esta semana. *(desesperando com o tempo que ISABEL demora a servir)* Isabel, então?

ISABEL - Desculpem, é que tenho mesmo um problema com o serviço!

VOZ DA RCI 2 / NOTÍCIAS *(em off)* - Esta manhã, a Praça de Tiananmen, em Pequim, acordou com milhares de jovens deitados no chão, afirmando que deitado é o caminho certo. Este movimento de protesto - contra a imposição, pelo governo chinês, de um regime laboral de 12 horas por dia e seis dias por semana - passou assim das ações individuais para a resistência coletiva e até já tem uma canção.

Ouve-se a versão original do hino TANG PING.¹

9. Ensaio 2

ISABEL, o ATOR e a ATRIZ estão em estúdio para mais um ensaio do programa. Têm uma segunda versão do guião. FERNANDO acompanha o ensaio, mas tem ainda consigo a primeira versão do guião.

¹ "Tang Ping is the right way" (autoria - Zhang Xinmin)

ISABEL - Vamos agora em direto para o Aeroporto Santos-Dumont, onde o nosso correspondente no Rio de Janeiro está a acompanhar a chegada ao Brasil de Orson Welles, o famoso realizador americano, conhecido pela sua adaptação radiofónica da “Guerra dos Mundos” e que está nomeado para o Óscar de melhor realizador, com o seu filme mais recente, “Citizen Kane”. Conta-nos, Mário Pombo, Orson Welles já aterrou no Brasil?

FERNANDO é apanhado de surpresa com a mudança de guião. Tenta espreitar as cópias de ISABEL e da ATRIZ, enquanto acompanha o ensaio.

ATOR / MÁRIO POMBO - Sim, confirmo, Orson Welles aterrou há poucos minutos no Rio de Janeiro.

ISABEL - E como te pareceu o realizador americano, cansado com a viagem?

ATOR / MÁRIO POMBO - Bom, se estava cansado não se notava nada, estava muito descontraído, fato, gravata, chapéu, sobretudo pendurado no braço, acenou, com um sorriso, para as cerca de cem pessoas que o esperavam.

ISABEL - E a conferência de imprensa, Mário?

ATOR / MÁRIO POMBO - A conferência de imprensa está prestes a começar, os jornalistas aguardam com ansiedade saber mais sobre este filme inspirado pelo Carnaval do Rio.

ISABEL - E como é que se vai chamar o filme, Mário, já tem título?

ATOR / MÁRIO POMBO - “É tudo Verdade”.

ISABEL - O que é que é verdade, Mário?

ATOR / MÁRIO POMBO - O filme.

ISABEL - Ah, compreendo, não se trata de uma ficção, Orson Welles vai realizar um documentário?

ATOR / MÁRIO POMBO - Não. Quero dizer, sim. “É tudo verdade” é o título do filme. E agora o Sr. Welles vai começar a responder a um colega do Rio de Janeiro que lhe

pergunta... que lhe pergunta porque é que escolheu o Carnaval como tema do seu próximo filme?... e Orson Welles responde... responde...

O ATOR olha para ISABEL na expectativa de uma indicação. ISABEL indica-lhe que aguarde e faz a FERNANDO um sinal para que dê as respostas de Orson Welles, que não estão no guião. FERNANDO improvisa a partir do que se lembra.

FERNANDO / ORSON WELLES - Então, porque os brasileiros são o povo mais feliz do mundo... e quatro dias de felicidade por ano não é algo ao alcance de todos.

ISABEL passa novamente a palavra ao ATOR.

ATOR / MÁRIO POMBO - Ah ah ah, muitos risos na sala, é uma resposta bem apanhada, Orson Welles não parece nada cansado com a viagem. E agora perguntam-lhe, da Rádio Paulista, pelo papel que o filme eventualmente reserva para os pescadores de Fortaleza.

ISABEL - Os pescadores de Fortaleza, Mário?

ATOR / MÁRIO POMBO - Sim, os quatro pescadores de Fortaleza. Os colegas referem-se a quatro pescadores que viajaram, desde Fortaleza ao Rio de Janeiro, para reivindicar melhores condições de vida.

ISABEL faz novamente sinal a FERNANDO para que responda.

FERNANDO / ORSON WELLES - Posso contar-vos em primeira mão que a história desses quatro homens, em particular a de Jacaré, vai estar no centro do argumento e acreditem que eu tenho grandes expectativas para este filme. Mais até do que as que tinha para "Citizen Kane".

ATOR / MÁRIO POMBO - E pronto, Orson Welles dá por terminada a Conferência de Imprensa com esta referência a um pescador de Fortaleza chamado Jacaré e deixando-nos nesta tremenda expectativa.

ISABEL - Obrigada, Mário, por este relato eletrizante. Fernando, depois das mentiras da Guerra dos Mundos parece que agora o génio quer emendar-se e só dizer a verdade, não é?

FERNANDO (*incomodado*) – Acho que nos estamos a desviar um pouco do objetivo do programa, mas ainda assim, este filme sublinha o caráter genial de Orson Welles, enquanto argumentista, porque filmar o Carnaval era como filmar uma tempestade, era necessário improvisar; ele até afirmou - veja bem isto - que o argumento do filme só estaria concluído na sala de montagem.

ISABEL - Então nesse caso, e como nunca concluiu o filme, podemos dizer que não encontrou o argumento.

FERNANDO - Bom, se queriam um argumentista vulgar não deviam ter chamado um gênio; porque esta produção era uma encomenda do governo dos Estados Unidos, um filme que tratasse com simpatia os aliados da América Latina.

ISABEL - Orson Welles, na altura, tem vinte e sete anos/

FERNANDO - /vinte e seis.

ISABEL (*corrigindo as suas notas*) – Vinte e seis...se ele queria fazer algo de patriótico na Segunda Guerra Mundial não era melhor estar a desembarcar na Normandia como os outros?

FERNANDO - Certamente teria gostado muito, mas foi declarado inapto para o serviço militar.

ISABEL - Que pena. Então, enquanto os rapazes das zonas mais rurais dos Estados Unidos e os jovens de origem latina morrem às mãos dos soldados nazis, Orson Welles dedica-se a explorar os salões de baile do Rio de Janeiro na companhia de belas mulheres, certo?

FERNANDO (*sinalizando a interrupção do ensaio*) - Oh, Isabel, desculpa, mas isto é mais uma leitura simplista da Ricarda. O que Orson Welles quer é sublinhar as virtudes desses países, dignidade, perseverança, coragem. Por isso, dedica o filme ao Jacaré, um pescador humilde, mas um visionário que arriscou a vida numa perigosa viagem por mar.

10. Pausa 2

A equipa faz uma pausa.

VOZ DA RCI 2 / NOTÍCIAS (*em off*) - Durante a tarde, os termómetros atingem o máximo previsto e pouco habitual para a altura do ano. Há uma ligeira mudança na direção do vento, que agora sopra de leste. O céu continua limpo.

ISABEL (*para FERNANDO*) - Bom trabalho!

FERNANDO (*irritado*) - E ela a dar-lhe com os desvios! Para quê falar deste filme que nem sequer foi terminado?

ISABEL - Chocolate?

FERNANDO - O programa é sobre "A Guerra dos Mundos"! A emissão radiofónica! E estamos a fazer diretos ao Brasil e a falar do Carnaval e de pescadores?

ISABEL - Talvez seja uma questão de contraste... Eu acho que estiveste muito bem.

FERNANDO - Estamos a perder o foco.

ISABEL - Não vale a pena entrarmos em pânico antes de lermos o resto.

ATRIZ - Quem quer um café?

FERNANDO faz-lhe um sinal; a ATRIZ entrega-lhe um café.

ISABEL (*enquanto come chocolate*) - A minha psicóloga ensinou-me uns truques para controlar a ansiedade, para me sentir melhor quando estou nos transportes públicos.

ATOR (*para a ATRIZ*) - Para mim um curto.

ISABEL - Um deles é repetir este trava-línguas: Una gallina xica, tica, mica, camacurta i ballarica va tenir sis fills xics, tics, mics, camacurts i ballarics. Si la gallina no hagués estat xica, tica, mica, camacurta i ballarica, els seus fills no haurien estat xics, tics, mics, camacurts i ballarics.

FERNANDO - Em espanhol?

ISABEL - Catalão, quanto mais difícil melhor. E, enquanto repito, tenho de imaginar espaços amplos, de preferência ao ar livre: um campo de futebol, uma praça de touros, um campo

de batalha... antes de começar a guerra, claro. Qualquer coisa que me transporte para longe e me ajude a não pensar que estou fechada numa carruagem de metro com pessoas que não conheço. E então, hoje entrei no metro, comecei a repetir: “Una gallina xica, tica, mica, camacurta i ballarica”... e de repente entra um rapaz na minha carruagem e põe-se mesmo ao meu lado... e eu a pensar em espaços ao ar livre, e de repente vejo o rapaz a começar a cambalear na minha direção, e eu desvio-me mesmo a tempo, e o rapaz deixa-se cair no chão como um peso morto, e bate com a cabeça.

FERNANDO - Que horror.

ATOR - Caiu?

ISABEL - Não, não caiu.

ATRIZ - Mas perdeu a consciência...

ISABEL – Não.

FERNANDO - Aleijou-se?

ATOR - Deve ter desmaiado.

ATRIZ - Uma quebra de açúcar.

ATOR - A tensão.

ISABEL - Vocês não estão a ouvir o que eu estou a dizer. Ele deixou-se cair ao chão. De propósito.

FERNANDO - Que estupidez. Para quê?

ATOR - Magoar-se a si próprio? Coisa estranha.

ISABEL - É uma coisa política.

ATRIZ - Deixar-se cair ao chão?

ISABEL - Num metro a abarrotar de gente, é bastante chamativo.

ATOR - Para dizer o quê?

ISABEL - Vocês estão a presumir que ele queria dizer alguma coisa. Eu acho que é mais uma questão de não o dizer.

ATRIZ - Se calhar era uma performance... Ele pediu dinheiro?

ISABEL - Não. Simplesmente levantou-se e saiu do metro na paragem seguinte. O problema é que eu não tenho outra maneira de vir de casa para a rádio. E apanhar táxis não é uma opção... não me pagam o suficiente para isso.

FERNANDO - Mas não te vais atirar ao chão, pois não?

ISABEL - Claro que não. Não vou abandonar o trabalho, já me comprometi e vou continuar a vir, e a cumprir o contrato... não me pagam o suficiente, mas ainda assim... é para isso que me pagam.

FERNANDO (*irónico*) - E sempre é o suficiente para um bom aspirador.

ISABEL - Não é só uma questão de dinheiro... Também é uma questão de dinheiro, mas é sobretudo uma questão de reconhecimento... Não falo de mim, de me reconhecerem a mim, de elogios estou mais que cheia...

ATOR - "... uma das mais belas vozes do nosso país"...

ISABEL (*agitando-se progressivamente*) - ... mas de reconhecerem que se alguém aguenta este tempo todo, se alguém continua a vir todos os dias, todos os meses, ano após ano, é porque se calhar esperava, após todo esse tempo, chegar a um sítio... melhor! Mais... (*não encontra a palavra*) menos... (*não encontra a palavra*).

ATRIZ (*distraída, em voz baixa*) - "... uma gallina xica, tica, mica... curta... cama curta..."

ISABEL (*olhando para os dois atores*) - E eu nem me posso queixar, pois não? Comparando com... (*olha para o ATOR e a ATRIZ, mas corrige a comparação*) com os pescadores de Fortaleza, como é que eu me posso queixar?

FERNANDO não regressa ao estúdio. Permanece na zona de pausa a ler e alterar o guião da cena anterior, que roubou a ISABEL. Os outros regressam ao ensaio.

12. Continuação do Ensaio 2

ISABEL - Vamos voltar ao contacto com Mário Pombo, que está na Baía de Guanabara, acompanhando a chegada de quatro pescadores de Fortaleza que percorreram 2500 quilómetros numa jangada até chegarem ao Rio de Janeiro. Diz-me Mário, os pescadores já chegaram ao Rio de Janeiro?

ATOR / MÁRIO POMBO - Para dizer a verdade, ao Rio de Janeiro os pescadores já tinham chegado. Neste momento estão prestes a chegar, mas pela segunda vez, numa cena em que o grande Orson Welles pretende recriar o final da viagem.

ISABEL - “É tudo verdade”, Mário?

ATOR / MÁRIO POMBO - Se é verdade? Bom, já expliquei, trata-se de um filme, da cena de/

ISABEL - /o título, Mário, eu dizia o título do filme, “É tudo verdade”.

ATOR / MÁRIO POMBO - Ah, sim, “É tudo verdade”.

ISABEL - E o que trouxe esses quatro homens até ao Rio de Janeiro, não digo hoje, claro - já nos explicaste que estão aqui para participar no filme de Orson Welles - mas da primeira vez, o que os trouxe ao Rio de Janeiro?

ATOR/MÁRIO POMBO - Um protesto, vieram protestar, junto do Presidente da República, Getúlio Vargas, contra as condições de trabalho dos pescadores do Ceará.

ISABEL (*passando uma nota ao ATOR / MÁRIO POMBO*) - E como é que se chamam esses heróis do mar, Mário?

ATOR / MÁRIO POMBO - Então, além de Jacaré, que já referi, temos, (*lendo a nota*) temos Mestre Jerónimo, Tatá e Manuel Preto.

ISABEL - E a jangada, Mário?

ATOR / MÁRIO POMBO - A jangada? É uma jangada sólida, não muito grande, mas/

ISABEL (*passando-lhe outra nota*) - /o nome, Mário, eu dizia o nome da jangada, como se chama a jangada?

ATOR / MÁRIO POMBO (*lendo a nota*) - Ah, São Pedro, o nome da jangada é São Pedro e aproxima-se da costa levada pelo forte vento que sopra na Baía de Guanabara.

ISABEL - E sobre os pescadores, Mário, o que é que se sabe sobre eles?

ATOR / MÁRIO POMBO - Sabe-se pouco. Ontem, perguntei se algum deles escrevia um Diário de Bordo ao que Jacaré respondeu que sim. E eu saudei-o como sendo o Pero Vaz de Caminha da jangada, mas logo o seu companheiro, o Tatá, me corrigiu, garantido que esse tal de Pero Vaz não tinha vindo, não senhor.

ISABEL - Que história tão bonita a tua, Mário! E o desembarque está iminente?

ATOR / MÁRIO POMBO - Sim, a jangada São Pedro - não sei se a original ou uma réplica - a jangada São Pedro aproxima-se da praia, ondas altas, dezenas de barcos acompanham a chegada, também um avião, posso ver Orson Welles, no topo de uma estrutura metálica de onde controla toda a equip/aiiiiiiiiiiii!

ISABEL - O que é que se passa, Mário? (...) Mário? Mário, estás a ouvir-me? O que é que se passa, Mário?

ATOR / MÁRIO POMBO - Uma tragédia! Uma onda acaba de virar a jangada, uma onda mais forte, a jangada virou, eu estou a tentar descortinar os pescadores, o mar está agitado, há muita rebentação, espuma, é difícil...

ISABEL - E os meios de socorro, foram acionados, Mário?

ATOR / MÁRIO POMBO (*sem prestar atenção a ISABEL*) - ... Orson Welles está na praia, grita com toda a gente, os barcos de apoio aproximam-se da cena, não da cena do filme, essa foi interrompida, aproximam-se do que está efetivamente a acontecer, é preciso salvar estes homens, Tatá está a chegar à praia pelos seus próprios meios, mesmo à minha frente, graças a Deus, mais ao fundo parece-me que um dos barcos se aproxima de duas cabeças, não consigo ver quem são, mas Tatá já está a sair da água, apoiado pela equipa de guarda roupa e pelo próprio Orson Welles que entrou no mar até aos joelhos, é um

momento de grande emoção, e lá ao fundo há mais dois homens resgatados, deixa-me ver bem, não é fácil distinguir...

ISABEL - ... estamos contigo, Mário Pombo...

ATOR / MÁRIO POMBO - ... Manuel Preto, Manuel Preto e Mestre Jerónimo, Manuel Preto e Mestre Jerónimo estão salvos. Que alívio! Só falta Jacaré, só falta esse Pero Vaz de Caminha que trouxe todos os trabalhadores do Estado do Ceará na sua jangada, Jacaré, o homem que sonhou um futuro maior do que o seu próprio país...

ISABEL faz um sinal de silêncio ao ATOR.

ISABEL - Então, Mário? Consegues ver Jacaré? A equipa de Orson Welles já resgatou Jacaré? Mário?

Silêncio.

ISABEL - Lamentamos informar que perdemos o direto com a baía de Guanabara e com Mário Pombo. Vamos tentar recuperar esta ligação. As nossas orações estão com Jacaré.

ISABEL assinala o fim do ensaio.

VOZ DA RCI 3 / ASTROLOGIA (*em off*) - Hoje o sol entra no signo de Carneiro, signo regido por Marte. Nos próximos dias sentirá um aumento de desejo sexual e alguma dificuldade para assumir decisões ponderadas. Será um mês dominado pelo instinto.

VOZ DA RCI 4 / PUBLICIDADE (*em off*) - O horóscopo do dia é patrocinado por: "Agarre a luz com uma janela zenital. Viva melhor, sinta mais. Do nascer ao pôr do sol. Vale a pena abrir os olhos, e o telhado também."

PARTE 2

1. Televisão 2

Estúdio de televisão. Duas cadeiras. Uma vazia. Na outra, FERNANDO BARREIROS. Entra a JORNALISTA e senta-se.

JORNALISTA - O direto está atrasado, Fernando.

FERNANDO - Pois, já tinha/

JORNALISTA - Só mais um bocadinho. *(mostrando um exemplar do livro de FERNANDO sobre Raposo Tavares)* Mas em compensação, cá está ele: Raposo Tavares.

FERNANDO - Que alívio. Estava a ver que/

JORNALISTA - Estava num balde de lixo.

FERNANDO - Como?

JORNALISTA - Deve ter sido um colega meu. *(examinando o livro)* Está impecável, um bocadinho sujo, mas com as luzes não se vai notar nada. *(para a câmara)* Nada de grandes planos.

FERNANDO - O quê? Mas porquê?

JORNALISTA - Não é nada de pessoal, faz parte do boicote.

FERNANDO - Um boicote contra o meu livro?

JORNALISTA - Não, um boicote contra o despedimento de metade do pessoal. Não soube? O canal está a fazer cortes porque não conseguimos atingir os objetivos para este ano. Os que ficam vão ter que trabalhar mais, por menos.

FERNANDO - E por isso deitaram o meu livro ao lixo?

JORNALISTA - Não leve a mal, mas aquela outra biografia que escreveu, a do Elon Musk, não caiu muito bem em alguns setores.

FERNANDO - Sindicatos, já sei. Mas como bom biógrafo, limito-me/

JORNALISTA - /Eu sei, eu sei, li a sua biografia de Orson Welles, quando estava na faculdade.

FERNANDO - Ah? E o que é que estudava?

JORNALISTA (*incomodada*) - Sou jornalista, estudava Jornalismo.

FERNANDO - Sim, claro... Portanto, leu o meu livro sobre Orson Welles. E o que lhe pareceu?

JORNALISTA - Muito divertido. Adorei aquele momento em que alguém entra no estúdio a meio da emissão; acho que era um administrador da rádio. Quer falar com Orson Welles mas não se atreve a interromper o direto. Então escreve-lhe uma nota, dobra o papel em quatro, passa-o ao técnico de som, que o faz chegar a um dos atores, que o entrega a Orson Welles. Ele olha para o papelinho, não sabe o que está escrito. Se calhar pode ser acerca da sanduíche e da garrafa de Gin que pediu há mais de meia hora. Quando lê fica paralisado.

FERNANDO (*reconhecendo o capítulo do seu livro em que descreve o momento*) -
“Acreditaram naquilo dos marcianos. As estradas estão bloqueadas. Há centenas de carros, homens, mulheres, crianças a fugir da cidade, apavorados. Tens que parar. Explicar que é tudo mentira.”

JORNALISTA - Orson Welles olha para o colega que tem à sua frente, no estúdio, e que ao microfone relata a morte de várias pessoas por causa do raio mortífero dos marcianos. O rosto de Orson Welles. Inexpressivo. Uma agitação ligeira no lábio superior. Gotas de suor na testa. O seu estômago ronca pedindo comida. A glória acaba de apear-se na sua estação. Está mesmo à sua frente, sedutora.

FERNANDO - Sensual.

JORNALISTA - Descarada.

FERNANDO - E ele sabe que não a vai deixar escapar.

A JORNALISTA parece tentar confirmar que o direto continua atrasado.

JORNALISTA - E então? Acha que ele sabia o que se passava fora do estúdio? Tinha consciência do impacto que estava a ter nas mentes imaturas dos seus concidadãos?

FERNANDO - Ele negou sempre. Mas estamos perante uma mente prodigiosa, tinha que saber.

JORNALISTA - E deixou que o engano continuasse?

FERNANDO - Tinha que deixar.

JORNALISTA - Diz-se que houve tentativas de suicídio.

FERNANDO - Podemos escolher um de dois lados, o da História pessoal, do pobre homem que durante uns minutos acreditou que ia morrer nas mãos de extraterrestres, ou o da História com maiúscula, que nos ensina que não há mais verdade do que aquela que se conta. Qual é que escolhia?

JORNALISTA - Sou jornalista. Contava a verdade. Explicava que o impacto do programa de Orson Welles foi exagerado pelos jornais, para atacar a rádio que lhes roubava público e patrocinadores; e Orson Welles aproveitou a mentira para se transformar numa lenda. *(para a câmara)* Nada de grandes planos, já disse.

VOZ DA RCI 2 / NOTÍCIAS *(em off)* - E afinal, parece que deitados é que estamos mesmo bem. Pelo menos a julgar pelas emoções despertadas por “Deitado é o Caminho”, a versão portuguesa do original de Zhang Xinmin, que se tornou hino do movimento Tang Ping. Em Portugal, o cover de Leonor Costa apanhou de surpresa as alunas e alunos das escolas secundárias, que rapidamente se apropriaram da canção, verso a verso, tornando-a viral nas redes sociais.

Ouve-se uma versão portuguesa do hino TANG PING.²

2. Padel 2

A ATRIZ assume o papel de RICARDA. FERNANDO, ISABEL e RICARDA jogam padel enquanto discutem o trabalho. A tensão entre os três aumentou. O ATOR / TREINADOR dá apoio a FERNANDO.

FERNANDO - Guanabara?

RICARDA - Sim.

FERNANDO - Podias ter-me avisado.

RICARDA - É um capítulo importante na biografia de Orson Welles.

FERNANDO - Capítulo? É um episódio sem importância nenhuma.

ISABEL - Qual é o problema com Guanabara?

FERNANDO (*sem ouvir ISABEL*) - Tens de fechar o guião.

ISABEL - Eu gostei de saber dos pescadores.

FERNANDO (*sem ouvir ISABEL*) - Tens de parar de introduzir cenas que não levam a lado nenhum.

RICARDA - É o que eu vou fazer.

ISABEL - Gosto de gente que resiste. Já viram o que eles estão a fazer na China?

FERNANDO (*sem ouvir ISABEL*) - Vais fazer, quando?

RICARDA - Já a seguir.

ISABEL - Deitam-se! Deitam-se no chão para resistir.

FERNANDO (*sem ouvir ISABEL*) - A seguir, quando? Temos que ter um prazo!

² “Deitado é o Caminho” (autoria - Carlos Costa, João Martins, Leonor Costa, a partir do original de Zhang Xinmin e da tradução inglesa de Alia Goehr

RICARDA - Está bem, eu não ia falar-vos disto, mas tenho nas mãos uma coisa importante e creio que desta vez estou no bom caminho.

FERNANDO - Estás a falar de quê?

ISABEL e RICARDA começam a ignorar FERNANDO.

ISABEL - Conta tudo, quero saber tudo.

RICARDA - Estivemos sempre a pensar no Orson Welles como o único que fez a Guerra dos Mundos, mas e se houvesse mais alguém? Se ele não fosse o único? Se a história pudesse ser diferente?

ISABEL - Há mais alguém?

RICARDA - Se calhar.

FERNANDO - Não há mais ninguém, pelo menos ninguém que nos interesse.

O telemóvel de ISABEL toca.

ISABEL (*sem ouvir FERNANDO*) - Podia haver alguém, alguém enigmático, alguém com um perfil mais altruísta.

RICARDA - Gosto disso, Isabel.

O telemóvel de ISABEL continua a tocar.

FERNANDO - De que é que estão a falar?

ISABEL (*sem ouvir FERNANDO e pegando no seu telemóvel*) - Um golpe de teatro.

FERNANDO - Não precisamos de teatro. Precisamos de contar uma história, ter um relato compreensível, focado, coerente.

ISABEL - Desculpem, tenho mesmo de atender, é a Administração da RCI... (*afasta-se dos outros; para o telemóvel*) Sim, sou eu (...) (*olha em volta, para os outros*) Sim, está a correr... (...) Sim, eu tenho só algumas perguntas. (...) Eu tenho o direito de não fazer este programa? (...) Quero dizer, eu tenho o direito de fazer outro programa? (...) Quero dizer, eu tenho direito de fazer este programa de outra maneira? (...)

RICARDA - Vou fazer uma mudança inesperada no eixo da narrativa.

FERNANDO - Não mudes mais nada!

RICARDA - Se calhar até mudo o género, para se adaptar ao novo protagonista, não sei, talvez um western.

FERNANDO (*sem querer ouvir RICARDA*) - A única coisa que faz falta é vires aos ensaios.

RICARDA - Posso fazer isto em dois ou três dias. Que dizes, Isabel? Escrevo outro texto?

ISABEL (*ainda suspensa na chamada*) - Tu tens o direito de escrever outro texto?

RICARDA - E desta vez juro que não me afasto da encomenda.

FERNANDO - Faltam duas semanas.

RICARDA - Vou começar já!

3. Teaser 2

VOZ DA RCI 1 / TEASER (*em off*) - A Rádio Corporação Ibérica e os seus emissores associados apresentam um programa especial, por ocasião dos 125 anos de “A Guerra dos Mundos”. Recordaremos os trágicos acontecimentos que a cidade de Quito no Equador, jamais esquecerá. O que aconteceu naquele 12 de fevereiro de 1949? Quem ou o quê semeou o terror entre a população? Como se precipitou o terrível desenlace e que papel teve nele o jornalista e locutor de rádio, Leonardo Páez? Poderia tê-lo evitado? Ou foi, como sempre defendeu, apenas mais uma vítima do descontentamento e ignorância dos seus inimigos? Não percam este programa especial em que revelaremos testemunhos e documentos que permaneceram ocultos até hoje. Com a ajuda de especialistas, recriaremos aquela noite de rádio, tragédia e morte, narrada por uma das mais belas vozes do nosso país.

4. Prólogo - Ensaio 3

RICARDA aproxima-se do microfone da ATRIZ no estúdio. ISABEL termina um cigarro. Deita-o ao chão e aproxima-se do seu microfone, com passadas de cowboy.

RICARDA - Ouvem-se nove badaladas no enorme sino da Igreja. Um sopro de trompete arrasta-se com dificuldade para anunciar um programa extraordinário. Após deitar ao chão a

beata do cigarro que dançava entre os seus lábios, e aniquilá-lo no solo, a locutora caminha até ao microfone. Cria uma suspensão de dois segundos, prepara-se e lança-se, resoluta.

ISABEL - Boas noites queridos amigos do ar! São nove horas no território nacional. O fabuloso programa da canção romântica vai começar! Teremos hoje, estimados radiouvintes, oiçam bem, e recordem, uma noite verdadeiramente inesquecível, inesquecível, cível, cível, vel, vel, vel!

Música.

FERNANDO entra no estúdio e senta-se à mesa, junto a ISABEL.

5. Narração 2

O ATOR e a ATRIZ aproximam-se da frente de cena.

ATOR - Continuam a ouvir a recriação do que aconteceu, há algumas semanas, num estúdio de rádio da cidade.

ATRIZ - Mas agora os locutores ensaiam uma outra adaptação da Guerra dos Mundos.

ATOR - Não queremos que se sintam enganados. Vamos explicar os factos tal como aconteceram. Sem faltar à verdade.

ATRIZ - Lembram-se daquele documento sonoro? Em particular daquela zona de frequências muito agudas? A zona das baleias, orcas e golfinhos?

ATOR - Aí, entre duas ondas, quase impercetível, surge algo que vai mudar tudo: Uma nova encomenda. Ouçam.

Ouvem-se ruídos de comunicação telefónica.

ADMINISTRADORA DA FUNDACIÓN *(em off)* - Buenos días, llamo de la Fundación Leonardo Páez. Quería hablar con Ricarda. (...) Buenos días, Ricarda.

ATOR - Quem telefona é mesmo a Fundación Leonardo Páez, sediada em Quito, capital do Equador.

ADMINISTRADORA DA FUNDACIÓN *(em off)* - *Nos gustaría hacerle una propuesta.*

ATRIZ - Reparem, há um segundo convite.

ADMINISTRADORA DA FUNDACIÓN *(em off)* - *Sabemos que va a participar en un programa sobre la adaptación de La Guerra de los Mundos de Orson Welles. Y nos gustaría que incluyese en su guión una comparativa con la adaptación que hizo Leonardo Páez para Radio Quito.*

ATRIZ - Querem que Ricarda escreva sobre um tal de Leonardo, que também adaptou a Guerra dos Mundos.

ATOR - Leonardo Páez, escritor, dramaturgo, jornalista. Em 1949 também dirige uma adaptação radiofónica da Guerra dos Mundos. Mas esta aventura não conduz ao sucesso da adaptação de Nova Iorque, mas a um absoluto desastre.

ADMINISTRADORA DA FUNDACIÓN *(em off)* - *Se trata de redimir el nombre de Leonardo Páez. */(quase inaudível)* Creemos que fue tratado injustamente y que pagó un precio demasiado alto por algo que estaba lleno de buenas intenciones. Y estamos dispuestos, para convencer al Consejo de Administración de RCI, a patrocinar el programa de manera generosa.*

ATRIZ - /Acreditam que Páez foi tratado injustamente (...) que pagou um preço demasiado elevado pelas suas boas intenções (...) estão dispostos a patrocinar o programa de modo generoso.

ADMINISTRADORA DA FUNDACIÓN *(em off)* - *Lo que cambiaría sería su papel, Ricarda. Porque, al contrario que en Nueva York, la grabación de la emisión de Quito se perdió en el incendio, *(quase inaudível)* lo que le dará mayor libertad para recrear los fragmentos del programa.*

ATRIZ - /Ricarda teria ainda mais liberdade para recriar fragmentos do programa. *(pausa)* A maior dificuldade seria convencer Fernando de uma opção que retira Orson Welles do centro da narrativa.

ATOR - Ricarda já não escreve há muitos anos. Teve algum êxito, a dada altura, mas foi breve e passageiro. Sabe que não é a pessoa indicada para assumir esta responsabilidade. Mas agora não tem grande escolha. E sente-se atraída pela desventura de Leonardo Páez. O fracasso dele podia ser o seu. Um enalhado, como ela. Se calhar, se aceitasse esta nova encomenda, podia demonstrar que é possível ser alguém sem ser ninguém. E Ricarda aceita o convite.

6. Ensaio 3

ISABEL entrega uma terceira versão ao ATOR e à ATRIZ e fica com uma cópia para si. Não entrega nenhuma cópia a FERNANDO. O ATOR, a ATRIZ e ISABEL ensaiam.

ATRIZ (gritando subitamente ao microfone) - Estamos a ser invadidos pelos marcianos! Estamos a ser invadidos!! Os marcianos, os marcianos, cianos, cianos, anos, anos...

FERNANDO percebe que não tem o guião que os outros começam a ensaiar. Aproxima-se de ISABEL para tentar seguir a cópia dela.

ISABEL - Estimados radiouvintes, a civilização está ferida de morte! É a tragédia da humanidade. É a espécie humana que encara a sua própria extinção. Por ser irremediável, estimados ouvintes, aceitemos o irremediável! As informações chegam-nos de várias agências noticiosas: um objeto voador não identificado foi avistado há alguns minutos a sobrevoar as Ilhas Galápagos. Desde então, acumulam-se relatos de avistamentos, que parecem aproximar-se de Quito.

Efeitos sonoros de invasão e caos.

ISABEL - Os invasores já chegaram a vários bairros da cidade de Quito. Há relatos de confrontos terríveis entre os extraterrestres e as forças policiais, que nada podem fazer para os enfrentar. Vamos ouvir agora uma declaração oficial de sua excelência o Ministro da Defesa.

ATOR / MINISTRO – Infelizmente, compatriotas, parece-me que as nossas armas não possuem as características necessárias para fazer face às do colossal inimigo. Vamos

combatê-los até ao limite das nossas forças. Desde já exorto todos a marcarem presença na missa deste Domingo.

ISABEL - É um castigo que nos cai do céu e que nos atingirá a todos, sem exceção! A invasão é global, sem possibilidade de escape ou salvação. Nós por aqui ficaremos, a informar-vos até nos ser possível, até que caíamos nós também, definitivamente, abatidos pelo inesperado poderio bélico deste gigantesco usurpador espacial! Resta-nos agradecer, caros ouvintes, que tenham escolhido passar na nossa companhia estes últimos e terríveis momentos! E não esqueçam que Orangine é a bebida de laranja natural, a única que acaba com a sua sede.

Efeitos sonoros de invasão e caos. ISABEL assinala o fim do ensaio.

7. Pausa 3

VOZ DA RCI 2 / NOTÍCIAS (*em off*) - Temperaturas inéditas para este mês e podemos mesmo falar de uma noite tropical, com lua cheia e céu limpo.

FERNANDO (*chocado*) - Agora ultrapassámos todos os limites! Vamos passar metade da emissão a falar de um falhado que queria imitar o Orson Welles. Para quê?

ISABEL - ... a tal questão do contraste, talvez?

FERNANDO - Isto é um disparate! Não podemos deixá-la fazer o que lhe apetece com o nosso programa... (*como se tivesse uma ideia súbita*) Com o TEU programa!

ISABEL não responde. Pega num saquinho de onde tira cajus e come.

ATRIZ - Alguém quer um café?

ISABEL (*para a ATRIZ*) - Para mim, cheio.

FERNANDO (*para a ATRIZ*) - Curto. (*para ISABEL*) Isabel, talvez seja chegado o momento de fazermos alguma coisa mais... radical...

ISABEL - Radical?

FERNANDO - Levar a questão à Administração... dizer-lhes que a pessoa que contrataram não está a cumprir a encomenda, está a fornecer conteúdo que não é adequado à ideia original! Talvez a mim não me ouçam... deviam, porque me pediram para vir como especialista... Mas a ti ouvem de certeza! Estás aqui há... caramba, nem sei, quanto anos?

ISABEL (*sorri, irónica*) - ... nem sei!

FERNANDO - És praticamente... a voz da estação!

ISABEL (*estendendo-lhe o saquinho*) - Cajus?

FERNANDO (*confuso*) - Hoje não há chocolate?

ISABEL (*suspira*) - O chocolate é um problema. Dois problemas. Três problemas. Sem chocolate falta-me a serotonina para aguentar isto tudo, por isso como muito chocolate, com 70% de cacau no mínimo. Mas o chocolate tira-me o sono, porque tem cafeína. Mas também me tira o sono quando tenho de o comprar. Não consigo deixar de pensar se terá sido produzido por escravos ou por crianças. É uma angústia. (*enfia mais cajus na boca*) Por isso agora estou a explorar alternativas.

ATRIZ - Os cajus fazem o mesmo efeito?

ISABEL - Não é o mesmo..., mas sempre ajudam... Mas são outro problema... por causa das intolerâncias alimentares. Para além dos frutos secos, sou intolerante aos ovos, à cebola, às verduras escuras - couves, agriões, espinafres, brócolos, a parte de cima do alho francês -, ao álcool, aos feijões, ao grão, aos pêsegos, aos lacticínios, à carne de porco, aos fritos, e aos citrinos. Exceto o limão.

ATOR - Muita gente não sabe que o caju é a semente, e a fruta mesmo é uma espécie de maçã que cresce por cima. Vem de uma palavra tupi que quer dizer "noz que se produz a si própria". E é por isso que se chama caju.

Silêncio. Os outros olham para ele.

ATOR - Muita gente não sabe...

FERNANDO (*para ISABEL*) - O que é que vamos fazer?

ISABEL não responde.

FERNANDO - A emissão? Temos de ser firmes! Falar com a Administração!

ISABEL - Sim... ser firmes. E francos. Dizer tudo o que temos de dizer. Tudo o que não está bem. É a única maneira de mudar as coisas. *(pausa)* Eu falo... com a Ricarda.

FERNANDO olha para ela, surpreendido. ISABEL faz sinal aos outros para retomar o ensaio.

ISABEL *(para todos)* – Continuamos? *(para FERNANDO, num sussurro, enquanto partilha com ele o guião)* Agora vem aí uma parte muito interessante!

8. Continuação do Ensaio 3

ISABEL - Interrompemos a emissão para uma notícia de última hora. Vamos tentar perceber o que se passa junto às instalações da Rádio Quito, no cruzamento das Avenidas Chile e Benalcazar, onde já temos o nosso correspondente no Equador, Mário Pombo. Estás a ouvir-me, Mário?

ATOR / MÁRIO POMBO - Sim, estamos mesmo em frente aos estúdios da Rádio Quito, apenas a um quarteirão do Palácio do Governo do Equador, acompanhando o que parece ser uma manifestação popular.

ISABEL - E, Mário, conseguiste falar com os manifestantes? Descobrir o motivo da manifestação?

ATOR / MÁRIO POMBO - As pessoas estão aqui por causa de um programa que a Rádio Quito emitia ainda há poucos minutos. Eu vou tentar falar com os manifestantes. *(como se interpelasse uma manifestante)* Desculpe, a senhora pode dizer-nos porque protesta contra a Rádio Quito?

ATRIZ / MANIFESTANTE - Enganaram-nos! Fizeram-nos acreditar que vinha aí o fim do mundo!!

ATOR / MÁRIO POMBO - Como? O que é se passou?

ATRIZ / MANIFESTANTE - Então, eu estava em casa, com a família, a ouvir o Duo Benítez e Valencia, quando estes aldrabões disseram que havia uma invasão de marcianos.

ATOR / MÁRIO POMBO - E o que é que fizeram ao ouvir isso?

ATRIZ / MANIFESTANTE - Saímos de casa a correr. Quase morremos com o susto. Esse Páez é um filho da puta. *(como se gritasse para o edifício da Rádio Quito)* Traidores! Mentirosos!

ISABEL - Mário? Estás a ouvir-me Mário? Acho que perdemos o contacto com o nosso correspondente em Quito; vamos continuar no estúdio enquanto tentamos recuperar a ligação. Fernando, acabámos de ouvir uma recriação do que aconteceu em Quito, a 12 de fevereiro de 1949, após a emissão da Guerra dos Mundos, dirigida pelo jornalista e ator Leonardo Páez, a partir da adaptação realizada por Orson Welles. Como explica a reação da população?

FERNANDO olha para ela, confuso. ISABEL faz-lhe um gesto, indicando que comente.

FERNANDO - Eu diria que este Leonardo Páez tentou imitar o seu ídolo. Mas não é Orson Welles quem quer, é Orson Welles quem pode. E alguém medíocre como Páez nunca poderia chegar sequer aos calcanhares de Welles.

ISABEL - Olhe que desta vez, Fernando, estou tentada a concordar consigo, quanto à mediocridade deste jornalista.

FERNANDO e ISABEL vão comentando em paralelo, sem se ouvirem um ao outro.

FERNANDO - Não soube escrever entre realidade e ficção.

ISABEL - Orson Welles escreve num período de expansão económica...

FERNANDO - Não anuncia o programa antes de o emitir.

ISABEL - ... e Páez escolhe um período de depressão...

FERNANDO - Não interrompe a ficção, com avisos.

ISABEL - ... em que o Equador tinha sido invadido pelo Perú

FERNANDO - Copia o original, mas abusa da verosimilhança.

ISABEL - ... enquanto o Orson Welles escolheu o Halloween para fazer isto.

FERNANDO - Pior! Manipula uma edição do jornal *El Comercio* com uma notícia falsa sobre discos voadores.

ISABEL - Insensibilidade política!

FERNANDO - Insensibilidade estética!

A ATRIZ volta a gritar como se estivesse na manifestação. ISABEL faz sinal ao ATOR / MÁRIO POMBO para se preparar para intervir. FERNANDO observa, cada vez mais chocado.

ISABEL - E temos novamente ligação a Quito e ao Mário Pombo. Mário?

ATOR / MÁRIO POMBO - Mais uma vez em direto da capital do Equador e num momento em que a ira dos populares se intensificou.

ISABEL - Mas o que fazem as pessoas? Gritam palavras de ordem? Achas que vão invadir os estúdios da Rádio Quito?

ATOR / MÁRIO POMBO - Não sei Isabel, é difícil perceber, a anarquia é total. Eu vou tentar falar com um grupo de pessoas que está aqui à minha beira, não percebo bem o que estão a fazer, vou tentar aproximar-me, vejo a senhora com quem falei há pouco, talvez ela possa explicar o que/

A ATRIZ / MANIFESTANTE gesticula violentamente, e indica ao ATOR / MÁRIO POMBO que não pretende falar e que ele se deve afastar.

ATOR / MÁRIO POMBO - Não, não quer falar, faz sinal para que me afaste.

ISABEL - Mas consegues ver o que estão a fazer?

ATOR / MÁRIO POMBO - Parece-me que estão a fabricar artefactos incendiários.

ISABEL - Que tipo de artefactos, Mário? Podes detalhar?

ATOR / MÁRIO POMBO - Cocktails-Molotov, parece-me. Vejo um jerrycan, também uma grade de garrafas de vidro vazias - são garrafas de Orangine, o patrocinador do programa. Agora há um homem com fósforos...

ISABEL - Mário?

ATOR / MÁRIO POMBO - E é a senhora, a senhora com quem falámos há pouco, ela pega numa garrafa com o pavio a arder e vai lançar a garrafa, vai lançar a garrafa contra a Rádio Quito, é inacreditável, dirige-se para junto do edifício, parece medir a distância, agora toma balanço e atira!

A ATRIZ simula um ruído de explosão, seguido de ruídos de incêndio e pânico.

ATOR / MÁRIO POMBO - Atira e acerta!! Acerta numa janela do primeiro andar do edifício. Incrível, quando falei com ela não/

ISABEL faz um súbito sinal de silêncio a ambos.

ISABEL - Mário? Estás a ouvir-me Mário? Acho que perdemos o contacto com o nosso correspondente em Quito; vamos continuar no estúdio enquanto tentamos recuperar a ligação.

ISABEL assinala o fim do ensaio.

9. Estúdio: Pausa #4

FERNANDO pega no seu telemóvel e telefona a RICARDA.

VOZ DA RCI 2 / NOTÍCIAS *(em off)* - Prosseguem as convulsões no setor da comunicação social. Depois dos despedimentos coletivos num canal de televisão, é agora a imprensa escrita a deparar-se com greves e rescisão de contratos por parte de trabalhadores essenciais à operação das empresas.

FERNANDO *(ao telemóvel)* - O que é que tu estás a fazer? (...) Não, ouve-me tu. A RCI encomendou-nos um programa sobre os factos. Um programa que explique a importância histórica da emissão de Nova Iorque: Interpretar o passado, entender o contexto, conhecer melhor o Orson Welles, o seu talento, génio, grandeza, caralho!

ATRIZ - Do outro lado do telefone, aguentando os gritos de Fernando, está Ricarda.

FERNANDO *(ao telemóvel)* - Falta uma semana. Porque insistes nesse Leonardo?

ATRIZ - É uma metáfora, explica Ricarda.

FERNANDO *(ao telemóvel)* - É uma história pessoal sem interesse.

ISABEL *(pegando no telemóvel de FERNANDO)* - Eu acho que o que o Fernando quer dizer é que não podes meter histórias pessoais na encomenda.

ATRIZ - Ricarda diz que não é uma história pessoal. Que seria pessoal se fosse alguém da sua família. E que Leonardo é uma peça chave na história que tentam contar.

ISABEL *(ao telemóvel)* - Pessoalmente, eu gosto de histórias pessoais.

ATRIZ - Ricarda diz que a história de Orson Welles já foi contada mil vezes e exagerada para parecer mais fantástica. O que a Ricarda diz é “vamos falar de algo diferente”. Vamos falar de Leonardo e da história de um fracasso. E é isso que representa Leonardo, a fina linha que separa/

FERNANDO - /A fina linha?! *(retirando o telemóvel a ISABEL)* Olha, Ricarda, acho muito bonito que tenhas opiniões, mas aqui do que se trata é de tudo menos de fracasso, queremos falar de Orson Welles, de sucesso, e estamos a afastar-nos da mensagem.

O ATOR percebe que a cena assim não funciona e coloca o telefone de FERNANDO em alta-voz. A ATRIZ assume o papel de Ricarda.

RICARDA - Que mensagem?

FERNANDO - O poder dos media.

RICARDA - A sério? O poder dos média? Mas isso interessa a quem?

FERNANDO - Interessa a quem? Esta transmissão teve um impacto enorme nas Ciências da Comunicação. Demonstrou que os media podiam manipular os utilizadores e ser mais perigosos do que uma invasão extraterrestre.

ISABEL - Sinceramente, eu pensava que nos interessava o fator humano. E tenho pensado muito/

FERNANDO (*para ISABEL*) - E interessa, Isabel. O que não nos interessa é a história de Leonardo. (*para RICARDA*) Porque uma coisa é a política - o destino da humanidade - outra coisa é a intimidade de cada um e cada uma - que apenas determina a marca dos cereais do pequeno-almoço. São coisas diferentes e misturá-las é um gesto frívolo.

RICARDA - Não sou frívola. O Leonardo é uma parte importante deste relato.

ISABEL - OK, mas o seu programa com marcianos foi ou não foi uma imprudência artística?

RICARDA - Agora a arte deve ser prudente, é?

ISABEL - Pelo menos deve ser responsável, não é? E o Leonardo Páez conhecia bem o público - há anos que tentava que fossem ao teatro aplaudir as suas peças - conservadores, ingénuos, sem ambição; e já nem falo do consumo de álcool.

RICARDA - Certíssimo, Isabel. Leonardo conhecia o seu público... tão bem como Orson Welles conhecia o dele, e não eram assim tão diferentes. Mas para Leonardo a Guerra dos Mundos era a oportunidade para os acordar dessa letargia.

ISABEL - Vou reformular. Quem foi responsável pela morte de seis pessoas e dezenas de feridos no incêndio da Rádio Quito?

RICARDA - Os que provocaram o incêndio.

ISABEL - E quem instigou esse comportamento?

RICARDA - O Leonardo ofereceu um entretenimento sofisticado e muito bem escrito. O público é que não o soube entender.

ISABEL - Se calhar porque lhes recordava terem sido invadidos pelo Peru?

FERNANDO (*incomodado*) - Ah, isso é que não, Isabel, terem sido invadidos pelo Peru não tem nada a ver com isto. A questão aqui não é política, é estética.

RICARDA - Certíssimo, Fernando, é isso. A guerra com o Peru eram águas passadas.

FERNANDO (*brincando com RICARDA*) - E os peruanos não eram nada parecidos com marcianos.

RICARDA (*rindo-se da piada de FERNANDO*) – Fernando... eu nunca quis expulsar o teu Orson Welles do nosso programa; só queria encontrar espaço para o meu Leonardo.

ISABEL olha incrédula para FERNANDO e para o telemóvel.

FERNANDO - Eu sei, Ricarda, eu sei. E olha que a comparação até pode aumentar o interesse do público, não?

RICARDA - Eu creio que juntos, eu e tu, podemos chegar a um compromisso e fechar este guião. Que dizes?

FERNANDO retira o telemóvel de alta-voz e começa a sair do estúdio, continuando a falar com RICARDA.

FERNANDO - Acho que sim... e se calhar ainda escrevemos um livro sobre isto... eu e tu, que te parece?

A ATRIZ sai do estúdio. ISABEL e o ATOR ficam sozinhos. ISABEL está muito perturbada. O ATOR / MÁRIO POMBO está preparado para intervir. ISABEL tenta continuar o ensaio.

10. Epílogo - Ensaio 3

ISABEL (*incomodada*) - Temos novamente ligação a Quito e ao Mário Pombo. O que é que se passa agora, Mário? Como evolui o incêndio?

ATOR / MÁRIO POMBO - Isabel, as chamas estão quase a alcançar o terceiro andar, onde ficam os estúdios da Rádio Quito.

ISABEL - Mas como é que o incêndio se propagou tão depressa?

ATOR / MÁRIO POMBO - De momento não passam de hipóteses, mas como no edifício da Rádio Quito também se encontram as instalações do jornal *El Comercio*, é provável que o papel utilizado para imprimir o jornal tenha sido o combustível que propagou o incêndio.

ISABEL - Ainda há gente no edifício?

ATOR / MÁRIO POMBO - Parece que sim. Há pessoas a tentar sair pelas janelas. Mas não é fácil, está escuro, têm que se apoiar nas saliências, expostos ao vazio, ao risco da queda. E há também um grupo que parece estar retido na cafetaria da Rádio Quito.

Som de explosão.

ISABEL - O que foi isto, Mário?

ATOR / MÁRIO POMBO - Uma explosão. Há vidros por todo o lado! Meu Deus!!

ISABEL - O que se passa, Mário?

ATOR / MÁRIO POMBO - Há um grupo de pessoas no segundo andar!

ISABEL - São os músicos? Benitez e Valencia?

ATOR / MÁRIO POMBO - Abriram uma janela. Gritam. Parecem desesperados.

ISABEL - Leonardo Páez está entre eles?

ATOR / MÁRIO POMBO - Uma mulher! Uma mulher e uma criança!!

ISABEL - E Leonardo? O que se passou com Leonardo?

ATOR / MÁRIO POMBO - Ninguém o viu. Deus do céu! As chamas!! Água, de que é que estão à espera, alguém que lhes atire água!!!

ISABEL sinaliza o final do ensaio.

VOZ DA RCI 3 / ASTROLOGIA (*em off*) - Mercúrio, Vénus, Marte, Júpiter e Saturno: os cinco planetas estão agora alinhados e podemos observá-los a olho nú. Uma próxima oportunidade só daqui a 20 anos; até lá viveremos, como é habitual, com estes astros em desalinho.

VOZ DA RCI 4 / PUBLICIDADE (*em off*) - O horóscopo do dia é patrocinado por: "Deixe-se levar por um Tubo solar. Viva a mudança da luz. A passagem das estações. Vale a pena abrir os olhos, e o telhado também."

11. Televisão 3

Estúdio de televisão. FERNANDO e a JORNALISTA estão sentados, à espera do direto. A JORNALISTA escreve num tablet.

FERNANDO - De que é que estamos à espera?

JORNALISTA - De um sinal. *(oferecendo)* Água?

Pausa.

FERNANDO - Que sinal?

JORNALISTA *(olhando na direção do relógio)* - Não se preocupe.

FERNANDO - Está a preparar a entrevista? *(entregando-lhe um papel dobrado em quatro)*
Se calhar isto pode ajudá-la.

JORNALISTA - O que é?

FERNANDO - Vai facilitar-lhe o trabalho, no caso de não ter encontrado tempo para ler o meu livro.

JORNALISTA - Eu também li o seu livro sobre Raposo Tavares.

FERNANDO - Ainda bem.

JORNALISTA - Sou jornalista há muitos anos e nunca entrevistei um escritor sem ter lido o livro que está a lançar. O que é isto?

FERNANDO - Coisas que me foram ocorrendo.

JORNALISTA - São perguntas?

FERNANDO - Possíveis tópicos, numerados por ordem de importância.

JORNALISTA - É uma lista de perguntas?

FERNANDO - Se quiser pode trocar a ordem. É só uma ajuda.

JORNALISTA - Muito bem.

FERNANDO - Não queremos aborrecer o público.

JORNALISTA - Acha que o meu programa é aborrecido?

FERNANDO - Só estou a tentar que não seja uma dessas entrevistas.

JORNALISTA - Que entrevistas?

FERNANDO - Mas de certeza que não.

JORNALISTA - A que entrevistas se refere?

FERNANDO - Os jornalistas fazem-me sempre as mesmas perguntas sobre colonialismo e indígenas.

JORNALISTA - E essas perguntas parecem-lhe aborrecidas?

FERNANDO - Pouco originais.

JORNALISTA - Não é como escrever um livro, pois não? Isso é que é original.

As luzes do estúdio alteram-se, sinalizando que o direto está iminente.

JORNALISTA - Vamos começar. Não olhe para a câmara. Se estivermos sem tempo faça-lhe um sinal para que termine.

FERNANDO - Que sinal?

JORNALISTA (*para FERNANDO, mas já sorrindo para a câmara*) - Eu não estava a preparar a entrevista. Estava a completar o meu Curriculum para o caso de também ficar sem trabalho. Preparado?

FERNANDO - Não sei.

JORNALISTA - Sabe, às vezes pergunto-me porque é que os jornalistas têm de ser originais quando tipos como você escrevem a mesma merda todos os anos.

FERNANDO - ...

O programa entra em direto.

JORNALISTA (*para a câmara*) - Boa noite, queridos leitores e queridas leitoras, é um prazer estar convosco. Hoje temos o privilégio de contar com a presença de um autor que parece saber muito sobre tantas coisas - Economia, Cinema, História. Como já terão adivinhado, o nosso convidado é Fernando Barreiros. Boa noite, Fernando!

FERNANDO - Boa noite! E obrigado pelo convite para estar no seu programa.

JORNALISTA - Eu é que lhe agradeço. Vamos às perguntas.

A JORNALISTA olha para o papel com perguntas que FERNANDO lhe deu. Ri-se. Amarrota o papel.

JORNALISTA - Olhe, vamos esquecer o livro.

FERNANDO - Não compreendo.

JORNALISTA - Vamos falar de algo mais sedutor. Vamos falar do programa de rádio em que participou. Conte-nos, Fernando, o que é que se passou naquela emissão em direto, inesquecível... cível... cível... vel...vel...vel...

PARTE 3

ISABEL, FERNANDO, ATOR e ATRIZ estão em estúdio, na emissão em direto do programa que prepararam. Todos seguem uma nova versão do guião de RICARDA, redigida em colaboração com FERNANDO.

ISABEL - Bem-vindos de volta! Se só agora nos sintonizou, estamos na última parte do programa especial com que estamos a assinalar os 125 anos da publicação da obra “A Guerra dos Mundos” de H.G.Wells. Um programa em que temos vindo a recriar excertos das adaptações radiofónicas que esta obra inspirou, e onde temos estado à conversa com Fernando Barreiros, comparando o diferente impacto que tiveram as adaptações de Orson Welles e Leonardo Páez. Fernando, podemos dizer que se trata aqui da “fina linha que separa o fracasso do sucesso”?

FERNANDO - Exatamente, Isabel, resumiu bem. “Fina linha” parece-me uma expressão perfeita para descrever/

ISABEL (*cortando-lhe o microfone subitamente*) - Perdão, Fernando... só um momento!

ISABEL finge que é surpreendida com algo que está a ouvir nos auscultadores. Silêncio no estúdio. Os outros olham para ela e aguardam.

ISABEL - Temos de interromper a nossa conversa, porque vamos recuperar a ligação com a baía de Guanabara, na sequência do trágico naufrágio, durante a rodagem de uma cena do filme de Orson Welles. Mário Pombo, a equipa já conseguiu resgatar o corpo de Jacaré? (*para o ATOR*) Fala comigo, Mário?

O ATOR olha para ela, surpreendido. Consulta o guião, mas não encontra qualquer indicação sobre o que ISABEL acaba de dizer. Olha para a ATRIZ e para FERNANDO, mas estes parecem estar tão surpreendidos como ele.

ATOR / MÁRIO POMBO (*improvisando*) - Não, infelizmente o corpo de Jacaré ainda não foi resgatado.

ISABEL - E qual é o nome da vítima, Mário, sabes?

ATOR / MÁRIO POMBO (*confuso*) - O nome? Então, é Jacaré, como tenho repetido por/

ISABEL - /Não, Mário. Jacaré é uma alcunha. O nome do pescador é Manuel Olímpio Meira.

ATOR / MÁRIO POMBO - Não, de facto não/

ISABEL - /E a jangada, Mário? Disseste que é sólida e se chama São Pedro, certo? Mas de quem é a jangada?

ATOR / MÁRIO POMBO - Quanto à jangada/

ISABEL - /Eu digo-te, Mário, a jangada pertence à comunidade piscatória, a única nessas condições, já que os pescadores nem sequer são donos das jangadas em que trabalham.

ATOR / MÁRIO POMBO - Eu/

ISABEL - Isso e as vidas inteiras de violência e exploração desses milhares de pescadores que Manuel Olímpio Meira representa. Vamos dizer o seu nome juntos: Manuel Olímpio Meira. (*perante a hesitação do ATOR*) Repete comigo, Mário: /Manuel Olímpio Meira.

ATOR / MÁRIO POMBO - /Manuel Olímpio Meira.

ISABEL - Muito bem, Mário. E tu, Fernando? Tens alguma coisa a acrescentar? (*rindo perante a surpresa de FERNANDO*) Vá lá, podemos desvendar aos ouvintes que nos tratamos por tu... afinal, não queremos enganar ninguém, pois não? É tudo verdade! Que me dizes desta morte provocada por Orson Welles?

FERNANDO - Não! Não se podem atribuir assim as culpas! Foi um acidente! Aliás, nem sabemos se houve mesmo um acidente...

ISABEL - Não sabemos?

FERNANDO - Há quem diga que foi um plano, para salvar a vida de Jacaré... simular a sua morte, para o levar às escondidas para os Estados Unidos... Orson Welles estaria a ajudá-lo, percebem? Ajudá-lo a escapar das retaliações, por ser um contestatário!

ISABEL - Estás a dizer que, afinal... não "É tudo verdade"?

FERNANDO - O que eu estou a dizer é que não encontraram o corpo. Nunca saberemos. Não há corpo!

ISABEL (*cortando-lhe o microfone*) - Obrigada, Fernando, só me faltava mesmo mais um dos teus cenários especulativos. (*para o ATOR*) Mário, agora por favor aproxima-te da família. (*entregando um papel à ATRIZ e outro ao ATOR*) Vamos ouvir o filho da vítima.

A ATRIZ e o ATOR olham para o novo texto que ISABEL lhes entregou, sem perceber. ISABEL faz sinal à ATRIZ para que leia.

ATRIZ / FILHO DE MANUEL OLÍMPIO MEIRA - O meu pai era pobre e disse p'rá gente: Filho, pescador não deixa herança. Este filme vai ser a vossa herança. Este filme vai mudar a nossa vida.

ATOR / MÁRIO POMBO (*seguindo sinal de ISABEL para intervir*) - E agora como é que vão sobreviver sem ele?

ATRIZ / FILHO DE MANUEL OLÍMPIO MEIRA - O Senhor Orson Welles vai ajudar.

ISABEL - É verdade, Mário? (*mostrando um papel ao ATOR*) Orson Welles vai ajudar a família de Manuel Olímpio Meira?

ATOR / MÁRIO POMBO (*improvisando, enquanto tenta ler o papel que ISABEL tem na mão*) - Não sei, dizem que sim, ele aproxima-se do filho da vítima, traz alguma coisa na mão.

ISABEL - O que é que ele traz na mão, Mário?

ATOR / MÁRIO POMBO - Não sei... é um papel?

ISABEL - Será um cheque, Mário? Será um cheque para a família de Manuel? (*aproxima o papel do ATOR, que se inclina para tentar ver*) Confirmas?

ATOR / MÁRIO POMBO - Não, não se trata de um cheque. São apontamentos, apontamentos, apontamentos para o final do filme, uma dedicatória a Jacaré.

ISABEL (*entregando o papel à ATRIZ*) - Que bonito, Mário. Não há dinheiro, mas há uma dedicatória. Vamos ouvir as palavras que Orson Welles escreveu.

Faz um sinal à ATRIZ para que leia.

ATRIZ / FILHO DE MANUEL OLÍMPIO MEIRA - Exterior dia. Vista aérea do Rio de Janeiro. Jacaré não morreu. Jacaré não morreu na realidade. Jacaré não morreu no meu argumento. Jacaré não morreu na praia. Jacaré morreu num sonho.

ISABEL (*para FERNANDO*) - Oh que bonito, não é Fernando? Tanta poesia. E para onde será que vai alguém que morre num sonho?

FERNANDO (*tentando conter-se*) - Ó Isabel, uma coisa é ter piada, outra coisa é já não ter/

ISABEL (*cortando-lhe o microfone*) - /Vamos até Quito, tentar descobrir. (*para o ATOR*) Estás comigo, Mário? Pronto para mais jornalismo?

ATOR/MÁRIO POMBO (*confuso, improvisando*) - Sim, claro, Quito, cruzamento da Chile com a Benalcazar/

ISABEL - /Não é na rua que te quero, Mário, é no edifício, por favor entra e sobe.

ATOR/MÁRIO POMBO (*surpreendido*) - Mas o edifício está em chamas.

ISABEL (*irónica*) - Eu sei, Mário, não uses o elevador, sobe pelas escadas, é mais seguro.

O ATOR/MÁRIO POMBO simula que entra no edifício em chamas. ISABEL faz sinal à ATRIZ para que entoe uma melodia distante. A ATRIZ murmura uma canção, hesitante.

ISABEL - Conta-me, Mário, o que é que vês?

ATOR / MÁRIO POMBO (*improvisando*) - Há muito fumo, muito fumo, cruzei-me na entrada com o duo Benitez e Valencia, conseguiram escapar a tempo. No primeiro andar as chamas alimentam-se do papel de jornal, é um inferno, as rotativas estão perdidas.

ISABEL - Vês alguém, Mário?

ATOR / MÁRIO POMBO (*improvisando*) - Não, não está aqui ninguém... (*vendo que ISABEL aponta para a ATRIZ, que canta*) Mas ouço uma voz, muito ao longe.

ISABEL - Sobe mais um andar, Mário, sobe até à redação do jornal, ainda está aí alguém?

ATOR / MÁRIO POMBO - Não sei, eu não vejo nada, muito fumo.

ISABEL - E a voz, Mário, ainda a ouves?

ATOR / MÁRIO POMBO (*perdido*) - Não está aqui ninguém.

ISABEL - Sobe, Mário Pombo, sobe, diz-me onde estás?

ATOR / MÁRIO POMBO - Estou no terceiro piso... estou nos estúdios da Rádio Quito.

ISABEL - Nos estúdios? Bravo, Mário, bom trabalho! (*entregando um papel ao ATOR*) E a emissão ainda está no ar?

ATOR / MÁRIO POMBO (*aliviado por voltar a ter um texto*) - Sim, acho que sim, há um locutor agarrado ao microfone, dirige-se ao Presidente da República do Equador, implora piedade, tenta explicar que o incêndio está mesmo a acontecer.

ISABEL - É Leonardo Páez? É Leonardo Páez quem implora piedade?

ATOR / MÁRIO POMBO - Não, não é ele. Mas vejo duas pessoas no exterior, tentando fugir pelas janelas, uma de bata branca, a outra/ ooooh Meu Deus, caiu, caiu, é terrível.

ISABEL - Sim, eu sei... é terrível. Esse era o violinista, coitado, contratado para fazer a música ao vivo... Não desistas, Mário... continua a subir. Segue a voz. Quero que procures uma mulher. (*indicando ao ATOR que continue a subir e reparando na aflição de FERNANDO*) Tudo bem Fernando? Estás a seguir-nos? Queres que eu te diga como morreu Orson Welles?

FERNANDO (*afrito*) - Ó Isabel, este seu teatro/

ISABEL (*cortando-lhe o microfone*) - /Eu digo-te: Com um ataque cardíaco. (*para o ATOR*) Então, Mário Pombo, e no último andar? Conta-me o que vês.

ATOR / MÁRIO POMBO - Estou na cafetaria da Rádio Quito, é um inferno. Vejo um corpo carbonizado junto a um piano - outro músico, talvez - e duas mulheres, mortas também, sufocadas; não sei se alguma delas era a que procuravas.

ISABEL - Não, essas trabalhavam na cafetaria. Procura uma mulher com uma criança, Mário. E Leonardo, não viste o Leonardo?

ATOR / MÁRIO POMBO - Sim, posso confirmar que o autor do programa escapou das chamas e da ira da população, fugindo por uma janela, disfarçado de (*sem reconhecer a palavra no texto*)... "linutupista"..

ISABEL - "Linutupista"? (*ri-se*) Linotipista!, assim é que se diz. Aposto que não sabes o que é um linotipista, Mário Pombo. São os desgraçados que trabalhavam no jornal, a operar as máquinas que compunham a edição... parece que o Leonardo até borrou a cara de tinta

para dar mais credibilidade à farsa e conseguir escapar! Ah ah, era de facto um grande artista!

ISABEL tem uma ideia súbita. Faz sinal à ATRIZ para que pare de cantar e entrega um novo papel ao ATOR.

ISABEL - Sabes cantar, Mário?

O ATOR olha estupefacto para o papel e não sabe o que responder.

ISABEL - Canta, Mário! É uma canção de Leonardo Páez.

ISABEL coloca o instrumental da canção cuja letra entregou ao ATOR. O ATOR olha desesperado para a ATRIZ e para FERNANDO. ISABEL faz-lhe sinal para que cante.

ATOR / MÁRIO POMBO *(lendo e improvisando a cantiga, desafinado)* - *Que lindo es mi Quito, con su cielito lleno de estrellas! Por eso yo grito junto con ellas: que lindo es mi Quito!*³

ISABEL *(rindo)* - Obrigada pelo esforço, Leonardo. *(entregando mais um papel ao ATOR)* E a mulher, Mário, não vês a mulher com a criança?

ATOR / MÁRIO POMBO *(lendo)* - Sim, agora sim, ao fundo da cafetaria, vejo uma mulher com uma criança.

ISABEL - Muito bem, Mário, acabas de encontrar Papoila, a noiva de Leonardo. Estava aí apenas para assistir ao grande programa do seu amado... Mas este acabou de fugir, deixando-a para trás, para morrer nas chamas! A criança é o seu sobrinho, chama-se René. Diz-nos, Mário, ela tenta escapar?

ISABEL faz sinal à ATRIZ para que recomece a cantar baixinho.

ATOR / MÁRIO POMBO - Não, é impossível, está rodeada por chamas.

ISABEL *(para FERNANDO)* - Que história tão bonita, não é Fernando? Um jacaré que se afoga e uma papoila que arde... quase podia ser um conto para a infância... não fossem ter morrido os dois *(para o ATOR)* Ah, Mário, morrer é tão difícil! *(para a ATRIZ)* E não podemos perguntar a ninguém como se faz, pois não? *(para o ATOR)* E o que faz ela, se não tenta escapar?

ATOR / MÁRIO POMBO - Canta, ela canta.

ISABEL - Melhor do que Leonardo, aposto. E o que é que ela canta?

³ Que lindo es mi Quito", (Autoría: Leonardo Páez)

ISABEL entrega um papel à ATRIZ com a letra de uma canção. A ATRIZ começa a murmurar a canção.

ATOR / MÁRIO POMBO (*tentando perceber*) - Não sei, é espanhol, uma canção de amor, triste, dedicada a Leonardo, talvez, paixão... dor... .. ilusão... lágrimas...cinzas, sim, lágrimas e cinzas, diz que o seu coração está em cinzas.

ATRIZ / PAPOILA (*improvisando um gemido de dor*) - Leonardo...!

ISABEL, irritada, faz-lhe sinal súbito para que se cale. Silêncio tenso.

ISABEL - "Há três coisas intoleráveis na vida: café frio, champanhe morno e mulheres demasiado excitadas." (*para FERNANDO, com um sorriso irónico*) Orson Welles. (*para o ATOR*) Podes sair, Mário, não arrisques mais. Desce, desce, que eu fico aqui com a Papoila e com o René.

O ATOR, confuso, simula que desce para a rua. ISABEL pede à ATRIZ que se aproxime e entrega-lhe um figurino para que se assemelhe a Papoila. Faz-lhe sinal para que o vista. A ATRIZ hesita, mas começa a vesti-lo a medo.

ISABEL - E agora, Mário Pombo, estás à porta do edifício?

ATOR / MÁRIO POMBO - Sim, estou cá em baixo.

ISABEL - Cá em baixo onde? (*entrega mais um papel ao ATOR*)

ATOR / MÁRIO POMBO - Cá em baixo... (*subitamente surpreendido com o que lê no papel*) junto aos estúdios da Rádio Corporação Ibérica.

ISABEL (*fingindo surpresa*) - É verdade, Mário? Estás à porta da RCI? E o que é que se passa?

ATOR / MÁRIO POMBO (*lendo*) - Bem, eu nem sei como começar a tentar pintar por palavras as bizarras cenas que se estão a desenrolar esta noite... parece que está a decorrer um sequestro nos estúdios da RCI.

ISABEL - Um sequestro?

ATOR / MÁRIO POMBO - Sim, ninguém percebe bem, mas parece que uma jornalista se barricou num estúdio durante um programa que está a ser transmitido em direto, sequestrando dois trabalhadores e um convidado.

O ATOR, a ATRIZ e FERNANDO olham uns para os outros, sem perceber.

ISABEL - Mesmo bizarro, Mário. E o que diz a Administração da Rádio Corporação Ibérica sobre isto?

ATOR / MÁRIO POMBO - Negam, negam tudo, negam qualquer conhecimento prévio da parte final deste guião e esclarecem nunca ter dado latitude à jornalista para assumir a sua autoria e muito menos para sequestrar a equipa.

ISABEL - Mas, Mário, se não lhe deram latitude, o que é que lhe deram?

ISABEL põe a tocar o tema instrumental da triste canção de amor e abandono cuja letra entregara à ATRIZ. ⁴

ISABEL - Elogios, reconhecimento? Mário?

ATOR / MÁRIO POMBO - Incentivo, Isabel, dizem que a incentivaram a assumir maior protagonismo na realização do programa, para cativar o público...

ISABEL faz-lhe um gesto para que continue a ler.

ATOR / MÁRIO POMBO - Dizem que era uma oportunidade de evolução na carreira... mas que nunca pretenderam incentivá-la a praticar um crime.

O ATOR, a ATRIZ e FERNANDO ficam subitamente incomodados.

ISABEL - Que mais dizem eles? Que agora nem a reconhecem? Que isto não é algo que faria a "mais bela voz do nosso país"?

O ATOR percebe que o papel não tem mais texto e não sabe o que dizer. ISABEL faz-lhe sinal para que improvise uma resposta.

ATOR / MÁRIO POMBO (*perdido*) - Dizem... dizem... (*olha para os outros*) ... que estão preocupados... que não sabem como a situação vai evoluir...

ISABEL faz sinal à ATRIZ para que comece a cantar, seguindo a letra da canção.

ISABEL (*para o ATOR*) - Mas o que pretende essa jornalista? Consegues falar com ela?

⁴ "Desesperación" (autoria Francisco Villacrés Falconi)

ATOR / MÁRIO POMBO (*indeciso, confuso*) - Não, de momento não... (*com uma ideia súbita*) Mas consigo falar com Ricarda, a autora do programa, que também se encontra aqui à porta da RCI.

ISABEL (*rindo*) - Ricarda? Agora é que ela aparece? Ah, não vale a pena, Mário, esta noite de rádio, tragédia e morte já não é dela.

ATOR / MÁRIO POMBO - Desculpa?

ISABEL corta o microfone do ATOR.

ISABEL - O tempo foge-nos, como sempre, caros ouvintes, e temos de concluir aqui a nossa emissão. E se esta noite olharem para cima e virem um carrossel de estrelas a atravessar o céu de uma ponta à outra, como as janelas iluminadas de um comboio noturno que atravessa a cidade, o mais provável é não serem os marcianos. O mais provável é ser a constelação de satélites construída pela Starlink, a empresa de Elon Musk, um homem que sonha salvar a Humanidade... invadindo Marte. A Rádio Corporação Ibérica e os seus emissores associados levaram até vós este programa especial dedicado a vozes difíceis de escutar, por se moverem em frequências onde apenas há baleias, orcas e golfinhos. Vozes que não desejam invadir nem ser invadidas.

ISABEL olha para a ATRIZ, que canta com emoção.

ISABEL - Deixamo-vos com “Desespero”. Não o nosso, nem o vosso, não se preocupem... É apenas o nome da canção.

ISABEL corta o seu próprio microfone. A ATRIZ / PAPOILA canta.

A emissão chega ao fim.

FIM